REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 12 | Dezembro de 1914 | Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

UMA FESTA DE CAVALARIA

(nos fins do seculo 18)

Na descrição que vou fazer do *Torneio á antiga portuguêsa*, com que — a 4 e 11 de novembro de 1795 — se solenisou o nascimento de D. Antonio, o primeiro filho dos principes do Brazil — Carlota Joaquina e D. João — sirvo-me da pormenorisada noticia que dele nos dá, quer o 2.º Suplemento ao n.º XLVI da *Gazeta de Lisbôa*, [1] quer o sr. Alberto Pimentel num seu interessante livro [2].

Pelo que importa á assistencia ajudar-me-hei do que a tal respeito nos dizem a duqueza de Abrantes [3] e o marquês de Rezende [4].

Finalmente, para os episodios, regras e preceitos dum *Torneio*, acato o que regulamenta o sargento-mór de cavalaria, Manuel Carlos de Andrade [5], em quem os curiosos poderão lêr, detalhadas, as *escaramuças* e *corridas* que constituiam o divertimento favorito da Côrte, até ao primeiro lustro do seculo 19.

Póde afoitamente dizer-se que, pela grandêsa e magestade da festa, ela foi o ultimo lampejo da Edade Media e isto em honra dum principe (futuro D. João 6.º) que era tudo quanto podia existir de menos medieval.

---

[1] De 21 de novembro de 1795.

[2] *A ultima Côrte do absolutismo em Portugal.*

[3] *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal.*

[4] *Descrição e recordações historicas do Paço de Queluz.*

[5] *Luz da liberal e nobre arte de cavalaria* (vulgarmente conhecida pelo *O Marialva)* pags. 411 a 418.

I

O Torneio realisou-se em amplissima praça de touros, no Terreiro do Paço, que, para uma grande festa de caridade se construira no trexo que medeia entre a estatua equestre e as ruas Augusta e do Ouro.

O marquês da Ponte, mordomo-mór, foi o encarregado de nomear os fidalgos que deviam tomar parte. E se as primeiras nomeações recaíram, naturalmente, nos senhores de casa, porque representavam familias, a verdade é que o impedimento destes, e varias outras circunstancias, alteraram a primitiva lista e organizaram a definitiva, em que figuraram, como veremos, alguns filhos segundos.

Os ensaios decorreram nos picadeiros de Belem [1], da quinta da Praia [2], do Colegio dos Nobres, do conde de Obidos e dos marqueses de Castelo Melhor e de Abrantes, sob a direcção do sargento-mór e mestre de picaria Manuel Carlos de Andrade.

A praça foi adornada pomposamente; e póde mesmo calcular-se o luxo da ornamentação sabendo que, todos á uma, concorriam para que a festa fosse uma revivescencia dessas, que haviam dado brado no mundo e classificado a Côrte de Lisbôa, como a mais faustosa da Europa. No cuidado do rigor historico deu-se volta aos arquivos; recordaram-se os Cronistas. Com o dedo em ponteiro, foram seguindo uma a uma, as paginas estonteadoras em que Damião de Goes, [3] descreve, ás dezenas, festas semelhantes.

Que lastima faltarem: os batedores indios, montando elefantes; o caçador persa, transportando á garupa do seu famoso *Iran*, a onça domesticada; os cantores e instrumentistas musicos, com as suas canções publicadas ao som de tamborins, pandeiros e charamelos!...

Embora! Havia de arranjar-se o melhor que podesse ser. Se o Oriente já não dava grandezas, o Brazil consentia-as ainda.

Isto soube-se: E é licito julgar, portanto, da curiosidade e empenho em assistir á festa. Propositadamente elevaram-se a

---

[1] Actual Museo dos Coches.

[2] Em Belem (casa Loulé).

[3] *Crónica de El-Rei D. Manuel.*

um alto preço os camarotes [1] e os lugares de trincheira [2]. Dois fins se conseguiam: extremar os espectadores e acrescentar o obulo a repartir pela Casa Pia e pelo Hospital de S. José.

Por um capricho patriotico, os uniformes, os arreios e os demais artefactos que deveriam figurar, foram, em exclusivo, encomendados á industria nacional.

II

O dia 4 de novembro de 1795 caíu a uma quarta feira. Amanheceu sereno e luminoso, verdadeiro verão de S. Martinho.

Havia por toda a cidade um movimento desusado. Desde as 9 horas que a população de Lisbôa e contornos afluia á *Baixa*, e em particular ao Terreiro do Paço e Rocio, á rua Augusta e ás que circundavam o Passeio Publico [3], onde deveria organizar-se e donde saíu o cortejo.

Era curioso vêr como as vagas desse mar de povo se entrechocavam, lutavam e acabavam por ceder, solicitadas pelo desejo de mirar bem e bem proximo as faustosas equipagens que cocheavam, pesada e magestaticamente: para o Terreiro do Paço, tudo o que de mais distinto havia na Côrte, e para o Passeio, os mais sabedores e galhardos cavaleiros de Portugal. E esse oscilar em que houve atropelamentos, gritos e desmaios, em que cada um se resignava a ser empurrado pelo visinho contra o visinho — na ambição de manter o seu logar ou de conquistar um posto, onde saciasse a voraz curiosidade — durou até á uma e meia depois do meio dia!

Foi então que os que estavam á embocadura norte da rua Augusta, principiaram ouvindo musicas guerreiras para os lados do soturno palacio inquisitorial [4]. Nessa conjectura os soldados do regimento de Gomes Freire, [5] encarregados de fazer a policia e de conter a multidão, nem á força de coronhadas conseguiram espalma-la, como desejavam, contra as paredes! Em co-

---

[1] Seis mil e quatrocentos reis!

[2] Mil e duzentos reis!

[3] O espaço compreendido entre a actual Praça dos Restauradores e a rua das Pretas.

[4] Proximamente onde está o teatro Normal.

[5] Hoje infantaria 16.

lisão tal, houve amarfanhões e apertos, lutas e desesperos tão descompostos, que das janelas e dos telhados, apinhados de gente, se pedia comiseração para uma senhora que se subvertia desmaiada, uma creança em risco de asfixia ou se clamava, em alta grita, contra a brutalidade dos que esmurraçavam velhos e esbofeteavam frades!

Neste comenos, avançando muito devagar, apareceu um esquadrão do vistoso regimento de Mecklembourg [1].

Após o esquadrão, emparelhados, os dois primeiros *fios*, cada um deles, bem como o competente estado, tomavam um lado da rua.

A' frente do primeiro, *coverteava*, como *guia*, o marquês de Tancos (D. Antonio) seguido, em fila indiana, pelo *contra-guia*, marquês de Marialva (D. Pedro) e pelos *cavaleiros*: marquês de Tancos (D. Duarte) condes de Valadares, de Sampaio e de S. Lourenço (José); D. Fernando de Lima e D. Pedro Manuel de Menezes.

Simetricamente, do outro lado da rua, avançava o — Segundo: *guia*, o conde de Obidos; *contra-guia*, marquês de Niza (D. Domingos); *cavaleiros*: marqueses de Abrantes, de Penalva e do Lavradio; conde de Aveiras (D. Nuno); D. Gregorio de Menezes e D. José da Costa.

Pela mesma ordem e forma dos dois primeiros, seguiam os dois ultimos:

— Terceiro: *guia*, duque de Cadaval; *contra-guia*, D. Rodrigo de Menezes; *cavaleiros*: os condes de Caparica, da Ega (D. Joaquim) e de Sampaio (D. Manuel); D. Vasco da Camara; D. Diogo de Menezes e D. Manuel de Menezes; e o

— Quarto: *guia*, marquês de Alorna; *contra-guia*, marquês de Angeja (D. Pedro); *cavaleiros*: marqueses das Minas e de Ponte de Lima; visconde da Asseca (Salvador); D. Nuno Alvares Pereira de Melo; José Teles da Silva e José Sebastião de Saldanha Oliveira e Daun.

Os *fios*, aos pares, faziam-se anteceder e acompanhar do seguinte estado:

Na frente, os dois sotas cavalariços dos dois *guias* emparelhados; as duas azemolas carregando os caixões contendo os artigos necessarios para os jogos; os 24 cavalos de estado, co-

[1] Actual eavalaria 4.

bertos de ricos telizes, dos cavaleiros de cada *fio*, levados á mão por outros tantos palafreneiros; a charanga de vinte figuras montadas e os dois alferes móres, de fardas ricas, empunhando os estandartes com as divisas dos *guias* antecedendo imediatamente os *fios*.

Junto de cada cavaleiro, três creados com a libré respectiva e descobertos, conduzindo: um, a lança, outro, o escudo e outro o teliz sobrepujado com as armas competentes em prata batida ou bordadas a ouro ou a prata.

As vestes deste numeroso e brilhante acompanhamento eram uniformes em cada *fio*, distinguindo-se entre si pela côr e pelo agaloado: amarelo e prata, no primeiro; verde e ouro, no segundo; azul ferrete e ouro, o terceiro; e encarnado e prata, o quarto.

Os oito fidalgos de cada *fio* — uma riqueza! — vestiam-se de sedas e veludos, de setins e brocados, de bófes e rendas da mesma côr.

— E os corceis?! — admirava o povo.

As crineiras e as caudas eram um diluvio de fitas, que mais realçavam da côr privativa do cavalo.

— E os jaezes?!

As selas, as redeas, as cabeçadas, os penachos das cachaceiras, os peitorais, as ferragens, os espelhos dos freios, os estribos — as guarnições e os enfeites, em duas palavras — tudo uniforme em cada *fio* e dessimilhante dos três restantes, quer na côr, quer na douradura ou prateado! E bastantes dentre eles — encarece o noticiarista da *Gazeta* — tinham nas selas «pedras preciosas e até diamantes».

Como guarda de honra ao que era a fina flôr da aristocracia nacional, desfilaram os três ultimos esquadrões do regimento de Mecklembourg, comboiando e fechando o prestito, de que constituia a ultima parte — e não a menos interessante pela desmarcada riqueza — as trinta e duas carruagens dos cavaleiros, tiradas a duas parelhas, com os seus moços de estribeira e ferradores ao lado e a cavalo.

Depois desta breve descrição julgae, se podeis, os bravos e as palmas, a alegria e o arrebatamento, com que foi saudado e coberto o cortejo.

Juntai ao explendor das joias que, do Oriente e do Brazil — em dois séculos! — haviam trazido os avoengos desses garbosos fidalgos, a galhardia, a graça, o donaire e o saber profissional — que era, foi e será a superioridade dos cavaleiros portugueses — e podereis avaliar com quanta justiça, nacionais e estrangeiros, os palmearam entusiasmados e delirantes!

A cavalo, sim, é que a Côrte de Lisbôa não teve jamais rival; porque nessa atitude a *balotada* suplanta, vitoriosamente, o trocadilho mais felís! Os jogos de agilidade e destreza eram o seu elemento; e a liça, por consequencia, o campo onde melhor poderiam afirmar a sua superioridade incontestavel.

III

O interior da praça foi um deslumbramento!

Desde a ornamentação luxuosissima de panos e sanefas, de brocados e bordaduras, até aos tipos e aos trajes com que a beleza natural se realça, na elegancia dos vestidos e toucados, na abundancia das pedrarias e plumas, tudo indicava que os presentes eram bem os filhos desses capitães e aventureiros, que, na Etiopia, na Persia e na India, haviam afeito os olhos á riqueza e á ostentação dos faustosos potentados do Oriente...

... O sol muito limpido e suave, jorrando a flux sobre essas pedrarias reluzentes e sobre esses panos faustosos e de côres variadissimas, acrescentavam-lhes o poder ofuscador.

E' aí que nós vamos encontrar tudo o que a Côrte feminina tinha de mais brilhante e surpreendente: As *Três graças*, as filhas do velho Marialva — a marquêsa de Loulé (D. Maria do Carmo); a de Louriçal (D. Joaquina) e a duqueza de Lafões (D. Henriqueta). Esta sobrelevava, em formosura, ás irmãs, e de modo tal, que a exigentissima mulher de Junot, tem por ela a seguinte exclamação de pasmo:

«Que beleza! que admiravel graça nas linhas desse rosto moreno, mas cuja pele veludinia, setinosa e ondeante de frescura, recorda os mais belos modelos de Titiano!» [1].

A duqueza de Cadaval «rosto encantador e alma de eleição. Indulgente em tudo o que a poderia tornar severa; meiga, fina e espirituosa ao mesmo tempo; alegre, com uma doce facilidade

[1] Duqueza de Abrantes, *Souvinirs*... 2.º vol., pag. 146.

de se divertir e uma necessidade de vêr os outros venturosos, não se sentindo bem, com aqueles mesmo que estimava, a menos que uma grande certeza a invadisse, de que nem o mais leve desgosto ou simples contrariedade lhes assombrava o coração» [1];

A erudita e formosa marquêsa de Alorna, poetisa correcta e delicada; a marquêsa de Belas, a anglo-maniaca; a D. Catarina de Sousa (futura viscondessa de Balsemão) uma das Musas da Côrte e que, moribunda, ditou ao seu capelão um soneto não inferior ao de Bocage, quando agonisava; a linda irmã de D. Tomás de Noronha, a *senhora Sylva:* a condessa da Ega, [2] em toda a plenitude da sua mocidade, «muito gracil e louçã, de olhos dum azul doce, mas dum brilho intensissimo e os cabelos louros, muito louros, dando-lhe o aspecto de filha do Norte, que só a flexibilidade inconfundivel das mulheres do Meio Dia, mostrava ter nascido, como tinha, sob o ceu Peninsular» [2]; a Arriaga, a Brayner e muitas outras.

IV

A's duas horas da tarde em ponto, chegaram os principes do Brazil (Carlota Joaquina e o que havia de ser D. João 6.º).

Acompanhavam-nos — alem da princeza D. Maria e do infante D. Pedro Carlos — um avantajado numero de dignitarios de serviço e estado.

O *somilher* viera correr as cortinas da Tribuna Real, que, nas ocasiões normais, ocultavam, atè ao momento oportuno, El-Rei ou os seus parentes. Nesse dia S. S. A. A. Reais, em atenção á categoria dos figurantes, dignavam-se honrar a festa com a sua presença e desde o começo até ao fim dela.

A maneira como todos os receberam — mixto de respeito, consideração e amisade — contrasta com o modo descaroavel como os trataram depois, nessa Lenda depreciadora, feita de impudicicia e de cinismo, que lhes altera as feições e decompõe os vultos.

---

[1] Duqueza de Abrantes — *logar citado.*

[2] Alberto Pimentel conta (na *Ultima Côrte do absolutismo*... pag. 34, que «a condessa da Ega chegou a ser convidada a retirar-se uma noite de S. Carlos, por causa do esbagaxado do decote».

Passados minutos, entrou na Praça, ao tempo já completamente cheia, «a Guarda Real, em duas fileiras, precedida pelo seu tenente, e puxada pelo ex.mo conde de Pombeiro, um dos capitães dela, que se apresentou com um magnifico trem de creados a pé no maior asseio e luzimento; e depois de fazer as continencias ás Reais Pessôas, deram a volta á Praça, o capitão por um lado e o tenente por outro, seguidos das fileiras, que tornando a saír deixaram o terreno livre» [1].

Ás duas e meia um cavaleiro se defrontou com a Tribuna Real, pedindo licença para começar o Torneio.

Concedida, reabriram-se as portas da arena, e, ao som de bandas de musica, entraram — de chapeu na mão, por filas e de costado, como hoje se diria — os trinta e dois pagens dos cavaleiros. A côr uniforme dos vestidos separava-os, por seu turno, nos quatro *fios*.

Formaram no meio da praça, em duas fileiras e em face da Tribuna Real. Como fossem fidalgos tambem, apenas se curvaram e por três vezes, em reverenciadora genuflexão aos principes do Brazil [2]. Em seguida, como mandava a *Liberal e nobre Arte*, defrontaram-se com o camarote das damas do Paço e repetiram a cortezia.

As damas que — segundo a etiqueta palaciana e em honra da fidalguia dos pagens — se haviam levantado logo á sua entrada, corresponderam-lhes, mui donairosas, numa mesura cortezã.

Só então o esplendido cortejo se dividiu em dois cordões, deslisou ao longo da trincheira até defronte da porta, em que de novo meteu em linha, cumprimentou o público com os chapeus e se retirou, desfilando em bôa ordem.

Apoz a saída dos pagens, apareciam na praça as azêmulas, que carregavam escudos, lanças de correr pombos, argolinhas e estafermos, e os vasos, as canas, as alcanzias. . . Acompanha-

---

[1] *Gazêta de Lisbôa*, 2.º suplemento já citado.

[2] O noticiarista da *Gazeta* é omisso na narração dos incidentes que, com frequencia, dramatisavam tais festas e até mesmo mui parcimonioso em enumerar os detalhes que antecederam, acompanharam e concluiram a execução dos complicados jogos de cavalaria.

E' Manuel Carlos de Andrade *(logar citado)* que nos fornece os meios de os podermos imaginar, recompôr e descrever.

vam-n'as um luzido batalhão de servos, extremando-se, segundo os *fios*, pela uniformidade crómatica das vestes.

Num repente, que demonstrava a frequencia e o cuidado dos ensaios, dispozeram a preceito e em cada *castelo*, os objétos variados que haviam de passar, dentro em pouco, aos pagens e estes, por sua vez, aos cavaleiros de quem eram cirineus.

Entretanto, as palmas e os bravos ininterrutos com que o povo, lá fóra, se não cançava de vitoriar os luzidissimos esquadrões de fidalgos, aguçava a infrene curiosidade que, dentro da praça, dominava todos os espiritos e se manifestava em todos os rostos.

Por digna que fôsse de vêr-se a riquêsa que — nos mais simples artefactos — essa faustosa pionagem espargia a frouxo, a verdade é que ela não podia nem mitigar, nem iludir a anciedade geral.

«Sendo tudo em bom arranjamento», recebidos de pé e com o silencio que a espétação e o respeito explicam, entráram os cavaleiros, a passo, e aos pares, ladiados pelos pagens, até meia praça.

Empunhavam aqueles as lanças descontadas, com que fizeram a vistosa continencia rial em sete tempos, perante os Principes do Brazil e as damas do Paço.

Paffiando — em cavalos dobradissimos — avançaçáram então até á trincheira. Aí, *levantaram de galope* e dividiram-se por sua ordem. Em redopío, o braço direito alto, brandindo a lança desenháram no sólo, com a pista dos seus corceis, as figuras mais complexas da caprichosa geometria da alta equitação.

Ei-los que se defrontam, olhando-se «*com graça e agrado, obrigando os de dentro os seus cavalos a empregarem o galope na ação de volta ao revez*» para darem de cara aos seus competidôres.

. . . O modo garboso e imponente como rializáram a continencia rial, bastou para os cobrir com uma ovoção entusiastica, que D. João — como entendedor e aplaudindo — iniciou e protraíu.

E, que admira, se desde a galhardia incomparável dos fidalgos e da riquêsa estupenda dos trajes e arreios, até á formosura desmarcada dos cavalos, tudo deslumbrava os olhos e queimava a imaginação?!

Ainda as palmas resoavam incessantes, já os quatro *fios* se

alinhavam ante os quatro *castelos* da praça, tendo á frente os *guias* e esperavam o sinal de desafio, confiados na sua coragem e no manejo dos seus corceis.

V

O toque anunciador voou pelo ar.

O Cadaval e o Alorna adiantáram-se ao passo. Chegados defronte dos *castelos* contrários, estacáram; eleváram as lanças horisontalmente, brandindo-as por três vezes. Com energico desembaraço apresentáram-nas em honra dos seus contendôres. Depois, com vivacidade, deixáram-nas escorregar pelo punho da mão direita e para o lado da garupa dos cavalos, até que as lanças assentáram o troço ou couto no chão. Nesta atitude de desplante e ladiando, em desafio, revistáram o esquadrão oposto.

O Obidos e o Tancos sáem a aceitar-lhes o cartel; e não obstante o Cadaval e o Alorna se retirarem ao galope, preparados para a defêsa, de lanças traçadas, os *guias* do segundo e quarto *fios* fazem-lhes apenas a continencia fidalga.

Estava atirada e levantada a luva.

As lanças enristam-se; os acicates levantam os cavalos a galope; e esses donairosos e brilhantes cavaleiros partem ao encontro uns dos outros, jogando-se *arremeções* violentos, mas graciosos e que destra e graciosamente evitam.

Alguns deles — os mais literariamente cultivados — põem nesse jogo todo o seu cuidado e orgulho, como se a hereditariedade cavalheiresca lhes segredasse ao ouvido o episódio dos *Dôze de Inglaterra*, que Camões tornou épico.

Nos camarotes, durante os dez minutos que durou a perigosa escaramuça, mais dum coração feminino bateu de amoroso espanto e receio.

VI

Quando pela primeira vez o Angeja saíu a *correr lanças* com o Marialva, tão violenta, apropositada e atraente se tornou a luta, que só a respiração opressa e intercadente dos milhares de espectadôres, proíbia que se escutasse o palpitar desordenado e febril dos corações da assistencia.

Demorando um olhar recatadamente amoroso, que a prin-

cêsa do Brazil encorajava, D. Pedro de Menêses — uma criança, com um sorriso a inflorar-lhe os labios finos, numa atitude cheia de serenidade, que era a confirmação da fé que no seu valôr depositava e que esse mesmo público lhe aplaudira tantas vezes, o cavalo dobradissimo, no galope em duas pistas, conseguido sem denunciar ajudas, naturalmente, o supremo, emfim, das regras da cavalaria — D. Pedro, dizia eu, rebatera o primeiro e o segundo *arremeções* que o Angeja — criança tambem, mas forte e bravo, digno emulo do seu contrário — lhe jogára, procurando atingi-lo no quadril, como era de preceito. Porém, a haste da lança do formoso Marialva, que gemêra com a primeira parada, á segunda voou partida!

Rápido como um relampago, no insofrimento natural e na veemencia desmarcada de seus 16 anos e do seu temperamento impulsivo, o Angeja — não dando conta, de momento, que o seu adversário ficára desarmado — despediu-lhe novo *arremeção*, mais impetuoso e certeiro do que os dois anteriôres. A ponta da lança impelida com sobrehumana energia ía, de certo, embeber-se no corpo gracioso e flexivel do Marialva!

Foi um momento de indescritivel augustia, na previsão dum desastre inevitável.

Muitos, a maioria, talvez, dos presentes, sugestionados pela situação, recordáram-se do fim tragico do moço conde de Arcos «arrebatado da saude á morte» — como diz o marquês de Rezende — por uma imprudencia da sua coragem juvenil, na última tourada rial em Salvaterra[1]! Quantos fecháram os olhos para não vêr, ou enclavinharam os dêdos no peitoril dos camarotes, ou se debruçáram, em perigo de caír, na inconsciencia da anciedade!

E que dizer da assistencia feminina, a mais sensitiva e acessivel ao pavôr, tanto mais tratando-se duma amiaça mortal, apontada a um vulto invejado, amorável e gracil, de moço e galhardo cavaleiro?! Entre ela, quanto coração deixou de bater, á força de sobresalto; quanta vida se paralisou num *Ai* dolorido, que antecede o desmaio; quantos olhos — empanados pela dôr — se não fixaram no Ceu, na imobilidade da timidês, ou no anceio da súplica?!. . .

---

[1] Vide a sua inimitável descrição em Rebêlo da Silva, *Contos e lendas*, pags. 161 e seguintes.

Felizmente foi um instante só.

Numa *capriola* elegantissima separára-se D. Pedro do seu perseguidôr, fazendo-o errar o *arremeção*. E, ainda o cavalo se destacava do sólo, suspenso no ar, já *ele* – tendo abandonado o resto inutil da lança, metido a mão á espada e tirado-a da baínha — a fazia floriar ao de cima da cabeça!

Não se podia sêr, nem mais arrojado e fino cavaleiro, nem mais destro e destemido contendôr!

O coração moço e forte, entusiasta e arrogante de Carlota Joaquina, poude mais do que a compostura reguladôra, pautada e insensível da etiqueta: Levantou-se, portanto, de repelão e bateu as palmas, louca de pasmo! E, se os aplausos a não cobrissem, ter-se-ía ouvido, fóra da Tribuna Rial, a frase expontânea, mas imprudente, em que se traduziu todo o transporte da sua alma arrebatadoramente Hespanhola-Parmo-Bourbonica:

— *Bemdita seja tu madre!!*

Ao desembaraço medievico do Marialva, correspondeu — no instante seguinte — a galanteria desmarcada do Angeja:

Num preito para com o adversario, cortejou-o com a sua lança, deixando-a imediatamente correr na mão direita e para traz, num gesto energico e senhoril, como era de bôa regra de cavalaria.

O remate gracioso do incidente fez com que os aplausos subissem ás raias do delirio.

VII

Os cavaleiros trocáram de cavalos e fizeram, uns após outros, os combates: das *alcancias*, as *canas* e o *carroucel*. Deixáram de cumprir as *corridas aos pombos* e *ao estafermo* [1], porque anoitecêra, e com o caír da tarde principiára soprando do Tejo uma aragem aspera, desagradabilissima.

Em atenção aos poucos anos da convalescente princêsa do Brazil, fecháram o Torneio antes de tempo, com a continencia

---

[1] Para o entendimento da parte técnica destes dificeis e vistosos jogos da fina equitação marialva, leiam os estudiosos a *Lei da liberal e nobre arte de cavalaria*, de Manuel Carlos de Andrade, pags. 411 a 428.

rial, ao som das bandas militares e dos aplausos calorosos e longuissimos.

A Côrte rematou o *seu dia* em S. Carlos, teatro assim intitulado em honra do nome e pessoa de Carlota Joaquina.

Assim, *em que deu (a Côrte)*; veremos *como findou*. . .

. . . . . .

. . . . . .

F. SÁ CHAVES
Tent. cor. de cav.

Material para os agentes de ligação da infantaria

(Experiencias realisadas em Mafra)

No passado mês de agosto, uma sub-comissão [1], delegada da Comissão Técnica de Infantaria, reuniu em Mafra para escolher o material destinado aos agentes de ligação.

Determinou S. Ex.ª o Ministro da Guerra, que a Inspecção do Serviço Telegrafico Militar abrisse concurso entre as casas construtoras de telefonios de campanha, binoculos, lanternas de sinais e todo o outro material ligeiro para o serviço de ligação da infantaria, afim da sub-comissão realizar os convenientes estudos e pronunciar-se ácerca do material, que melhor satisfaria ás exigencias das unidades de infantaria.

Foram presentes á sub-comissão, três tipos de telefonios de campanha: *tipo L. M. Ericsson* (Stockholm), apresentado pela casa Herrmann; *tipo Siemens & Halske* (Berlim), apresentado pela Companhia Portuguêsa de Electricidade; *tipo Maubert* (Paris), apresentado pela Societé Industrielle de Telephone. Os modêlos apresentados foram de vibrador e, além deste, a casa Siemens & Halske apresentou três modêlos: modêlo com in-

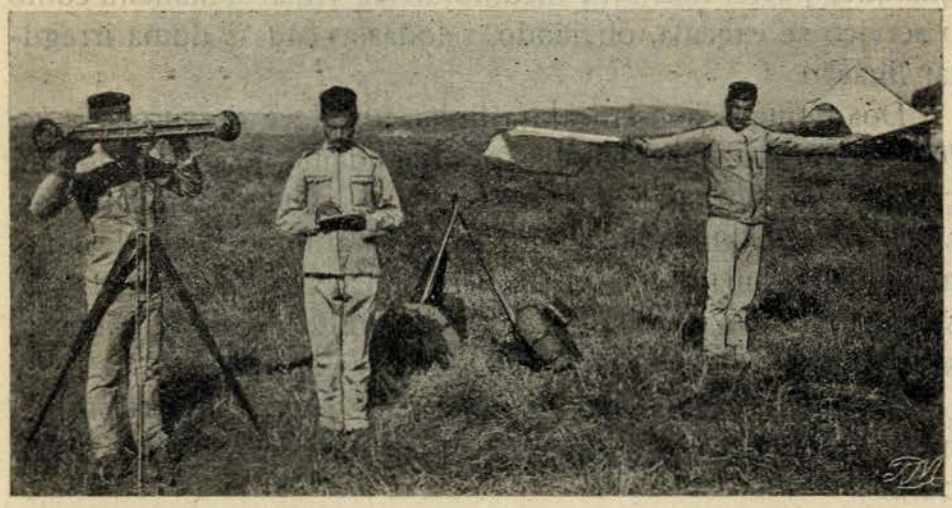
[1] Esta sub-comissão, que elaborou as *Instruções para os agentes de ligação de Infantaria* (I. A. L.) e têm sido incumbida de todos os estudos referentes ao assunto, é presidida pelo Sr. Coronel Francisco Maria Pinto da Rocha, ilustre Inspector de Infantaria na 1.ª Divisão do Exercito e têm como vogais o Sr. Major Eduardo da Costa Braklamy e o auctor destas linhas. Durante as experiencias esteve adido á sub-comissão, com voto consultivo, o Sr. Tenente de Engenharia Manuel d'Almeida Bélo.

As fotografias, que acompanham este artigo, foram amavelmente cedidas pelo Sr. Capitão Joaquim Augusto Torres, da Escola de Tiro de Infantaria.

ductor electro-magnetico; modêlo reforçado com vibrador; modêlo para quatro direcções com vibrador.

Nas diferentes experiencias o material de estação satisfez completamente, a audição foi, em todas as circunstancias, muito perfeita e só detalhes de construção poderam decidir a sub-comissão em determinado sentido.

O *tipo Maubert*, usado na infantaria do Exercito Francês, distingue-se dos restantes em adótar *pilhas Léclanché de saco* que têm inconvenientes, pois que a agua muitas vezes se entornará mesmo em estação e, exigindo o serviço dos telefonistas de infantaria uma certa mobilidade, cada deslocamento determinará novo carregamento da pilha. Ainda no *tipo Maubert*



Posto de sinaleiros, avaliando distancias com o telemetro Goertz e transmitindo *traço*

existem três estojos, quando os restantes modelos têm apenas um estojo; assim no tipo Maubert um estojo transporta o microfonio e o recétor telefónico *(combiné)*, o segundo estojo contém o vibrador e a bobine de indução *(boîte de branchement)*, e o terceiro serve para dois elementos de pilha montados em série *(pile)*.

Compreende-se, que este processo não permite uma montagem facil, ao passo que nos outros modêlos são suficientes duas ligações *(fio de linha e linha de terra)*, visto as restantes estarem permanentemente estabelecidas.

Ainda as dificuldades do transporte aumentam, visto os nossos *grupos telefónicos* (As I. A. L. chamam-lhe *postos)* terem apenas cinco praças e não sete como o *atelier téléphonique*,

do Exercito Francês [1], e, conseguintemente, cada posto, ter dois homens e não três.

Por outro lado, as pilhas sêcas não são regeneraveis, exigindo a sua substituição completa, para o que as reservas de pilhas a transportar, devem ser convenientemente calculadas por experiencias rigorosas.

Entre nós, conforme as experiencias realizadas em Mafra, para se estabelecer a ligação telefónica entre dois comandos, dois homens constituiram o *posto* de partida e os outros lançaram a linha sob a direcção do comandante do *grupo*, que, segundo as I. A. L., é um sargento ou cabo escolhido, e constituirão o *posto* de chegada. O comandante do grupo não fica adstrito a qualquer posto, mas será incumbido de vigiar a maneira como o serviço se executa, obviando a todas as causas duma irregular ligação.

Dos homens que lançam a linha, um deve desenrolar a *bobine de fio* e o outro auxiliar o comandante do grupo no lançamento do fio nas melhores condições, evitando, quanto possivel, a probabilidade de ruturas e garantindo o seu levantamento facil, quando as circunstancias o exigirem, afim de não ser abandonado, o que só em casos muito excécionais deverá suceder, pois que as reservas de fio são limitadas.

O material telefónico, supondo que se adotará o tipo Siemens & Halske ou o tipo Ericsson, deveria ser assim distribuido: [1]

Pessoal dos postos: um soldado transporta a tiracolo o estojo de coiro com o aparelho telefónico e preso ao cinturão um estojo para a bobine com 1:000m de fio esmaltado, respectiva manivéla e desenrolador; o outro soldado transporta, presos ao cinturão, dois estojos com uma bobine com 1:000m de

---

[1] Na «Instruction relative au service téléphonique dans les corps de troupe d'infanterie», o material de cada posto é assim distribuido:

1.º homem: Dois estojos *(boîte de branchement* e *combiné)* presos no cinturão, substituindo as cartucheiras;

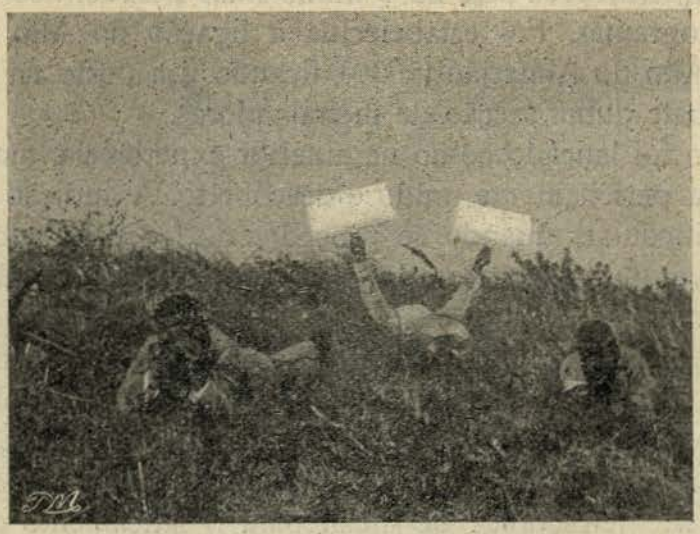
2.º homem: Um estojo, contendo uma bobine com fio, substituindo a cartucheira esquerda; um gancho de contacto e um microfónio de reserva na cartucheira direita; uma peça de ligação á terra e uma forquilha na mochila;

3.º homem: Dois estojos (bobine com fio e dois elementos de pilha) presos no cinturão, substituindo as cartucheiras e duas cargas de reserva no bornal.

fio esmaltado, respectiva manivéla e desenrolador, peça de ligação á terra, bobine para fio de terra e dois elementos de pilha de reserva, além do material de sinalização com bandeiras.

O *comandante do posto* transporta *4 hastes de bambú*, presas do lado esquerdo da mochila, semilhantemente ás hastes das bandeiras e em estojo especial, preso ao cinturão, duas forquilhas, dois ganchos de contacto e um garfo de arame com 50m de fio de cobre galvanizado.

Desta maneira, cada *grupo* disporá de quatro (4) quilometros de fio, o que satisfaz as necessidades prováveis da infan-



Posto de sinaleiros, na posição *deitado*, transmittindo *traço* com o *fanion baïonnette*

taria, e ainda poderá utilizar as linhas telegraficas ordinarias. No *trem de combate* do batalhão seriam transportadas bobines de fio esmaltado e pilhas de reserva.

O armamento dos *grupos telefonistas* seria a pistola.

O material de linha, experimentado em Mafra, foi de duas qualidades.

Numa primeira experiencia, foi estabelecida ligação telefónica com fio esmaltado, entre o Alto do Almarjão e o Forte do Juncal (um quilometro), ficando um posto junto á estrada Mafra-Lisboa e o outro na posição de combate duma secção de metralhadoras. O fio foi lançado sem qualquer cautela e procurando-se alcançar a maxima velocidade, com um pessoal não adestrado;

na maior parte do percurso, foi lançado na terra, mas tambem se aproveitaram os pinheiros e eucaliptos, afim de atravessar algumas depressões. A audição foi perfeitissima nas ocasiões do tiro e continuou da mesma forma com mais um quilometro de fio. O fio foi levantado em 45 minutos e não estava deteriorado, embora os poucos cuidados do lançamento e a passagem da secção de metralhadoras. Concorreu para a facilidade do levantamento o pequeno pêso da bobine, pois que 1:000m de fio pesam 2 quilogramas, a fixidês da respectiva manivéla e o desenrolador com guia para o fio.

Uma segunda experiencia foi realizada com fio isolado com tecido impermeavel. Este fio é muito mais pesado, 500m pesam 1,5 quilogramas. Foi estabelecida a ligação do Alto da Véla com o Alto do Almarjão (500m), ficando um posto na posição de combate duma secção de metralhadoras.

O fio foi lançado como na anterior experiencia, mas o terreno era perfeitamente unido e descoberto. A audição foi dificil. Verificou-se, quando se procedeu ao levantamento, que o fio estava muito deteriorado, por conseguinte, prejudicado o isolamento.

Este levantamento (metade do percurso anterior) demorou 35 minutos, devido ao processo defeituoso de enrolar a bobine, sucedendo que muitas vezes a manivéla desengrena e não existindo qualquer guia no desenrolador, é frequente embaraçar-se o fio.

A haste telescópica de metal para o lançamento do fio, é muito pesada. sendo preferivel o sistêma de hastes de bambú, suficientemente sólido e muito leve.

*
* *

A concorrencia das casas construtoras de binoculos foi grande, apresentando-se alguns modêlos magnificos. Examinou a sub-comissão, 36 binoculos dos seguintes auctores: Busch (7); Krauss (8); Oigée (4); Colmant (5); René Troispoux (10); D. D. & R. (2). Os preços destes modêlos, variávam entre 2$93 e 14$40.

A *Comissão Técnica de Infantaria*, ao fixar as condições do concurso deliberou que «a arma de infantaria fosse provida dum binoculo de suficiente precisão para a observação dos objectivos e dos efeitos do tiro num alcance maximo de três quilo-

metros e bastante sólido para ser utilizado pelas praças de pré, a que fôr destinado, devendo ser transportado num estojo muito simples».

Depois de algumas experiencias, realizadas em condições diferentes de iluminação, foram regeitados os binoculos de multiplicação inferior a 5, por não satisfazerem ás condições que a Comissão Técnica de Infantaria tinha fixado. Procurando a sub-comissão o binoculo mais barato e nas condições exigidas, foi obrigada a realizar numerosas e cuidadosissimas observações, comparando detalhes de construção, atendendo á solidês e acabamento dos binoculos e estojos, pois que binoculos em condições muito aproximadas de clarêsa e nitidês das imagens,

Posto de sinaleiros transmitindo *ponto*

multiplicação e campo de visão, diferiam nos preços e embora essas diferenças não fôssem grandes, eram, no entanto, para ponderar, visto a arma de infantaria necessitar aproximadamente de 4:000 binoculos.

A escolha recaiu num binoculo articulado da industria francêsa, multiplicação 5, campo a 1.000 metros de 80 metros e cujo preço é de 24 fr. *cif. Tejo.*

*

* *

A sub-comissão, aproveitando a oportunidade de realisar estudos, que lhe permitissem uma opinião segura, experimen-

tou os dois processos de sinalisação com bandeiras e ainda bandeiras de diferentes côres.

As observações foram realisadas em diversas condições de iluminação e a distancias variaveis entre 500 e 4.000 metros.

Dos processos de sinalisação — *uma bandeira* e *duas bandeiras* — é preferivel o segundo. Em todas as circunstancias a sub-comissão teve ocasião de verificar, que a *sinalisação com duas bandeiras* era de maior visibilidade e de muito mais facil transmissão e recéção, o que tornará mais rapida a aprendisagem.

Diferindo muitissimo os regulamentos de sinalisação dos exercitos estrangeiros ácerca das côres das bandeiras, julgou a sub-comissão vantajoso assentar as côres preferiveis nos nossos terrenos, procurando. quanto possivel, reduzir o seu numero, afim de não complicar o trabalho dos sinaleiros. Vimos, em artigo anterior [1], as disposições regulamentares em alguns exercitos.

A sub-comissão experimentou as seguintes côres: *branco, vermelho, azul, amarélo e roxo com quadrado central branco.* Depois de bastantes observações concluiu:

1.º O *branco* e o *vermelho* satisfazem em todos os casos, devendo o branco ser adotado em fundos escuros e o vermelho em fundos claros;

2.º Comparados cuidadosamente a diferentes distancias e em condições diversas de iluminação, o *branco* e o *amarélo*, em caso algum este se demonstrou mais visivel;

3.º O *branco* só é manifestamente superior ao *vermelho*, quando se projecta no horisonte; a 4.000 metros (Espaldão-Chança) as duas bandeiras brancas distinguiam-se perfeitamente num fundo vêrde claro;

4.º A *bandeira roxa* torna-se muito aparente pelo quadrado branco central, mas, em qualquer caso, inferior á vermelha;

5.º O *azul* é inferior ao *vermelho;*

6.º Para distancias inferiores a 500 metros, supondo as condições de iluminação muito boas, é indiferente o emprego de qualquer côr;

---

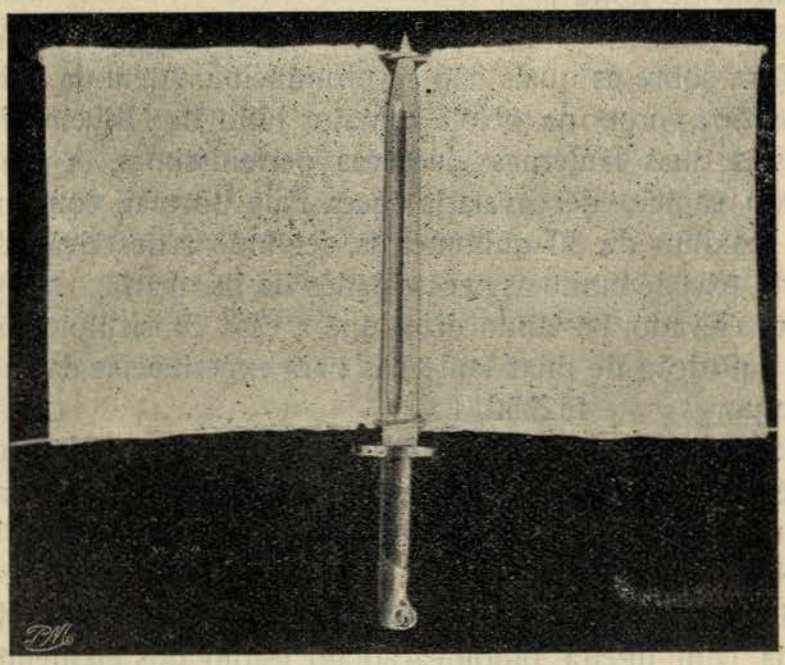
[1] *Revista Militar*, nov. 1914.

Obs. Neste artigo, a pagina 840, linhas7 e 8 deve lêr-se — «para a transmissão na posição deitado,....»

7.º Em boas condições de luz, a sinalisação unicamente com os braços é visivel a uma distancia maxima de 400 metros;

8.º Nas mesmas condições, sinalisando com bandeiras torna-se necessario o uso do binoculo para distancias superiores a 1.200 metros.

Ainda nas experiencias de Mafra foi experimentado o «*fanion baïonnette*» [1], proposto pelo Tenente-Coronel de Colligny, do Exercito Francês. O autor dá-lhe as dimensões de



Fanion-baïonnette do Tenente coronel de Colligny, adaptado ao sobre português

0,48×0,33 e a sub-comissão para o adaptar ao nosso sabre deu-lhe as dimensões de 0,50×0,22, o que diminuiu a respectiva superfice. Realisadas esperiencias com este *fanion-baïonnette*, observou-se, que a transmissão é muito mais facil do que empregando *bandeiras*, mas tendo uma superfice muito inferior foi dificilmente visivel a 1.000 metros, numas experiencias realisadas ás 18 horas, quando as bandeiras asseguravam ainda uma ligação perfeita. E' para lamentar não ser possivel substituir as bandeiras por *discos* (fanion-baïonnette ou outros) com suficiente visibilldade, de facil manejo e transporte.

[1] *Revista Militar*, nov. 1914.

Ainda a favor do processo das *duas bandeiras*, se reconheceu que a sinalisação *deitado*, de emprego frequente na infanteria, é extremamente dificil com *uma só bandeira*.

*

* *

Preferindo o processo de sinalisação com duas bandeiras, estava indicada a adoção de *duas lanternas de luz fixa* para a sinalisação de noite [1].

A' sub-comissão foram presentes três modelos de *lanternas de eclipse*, sobre as quais não se pronunciou. Além da *lanterna de acetilene*, proposta pelo Sr. Major Julio de Oliveira, foram propostas duas lanternas electricas perfeitissimas. A *lanterna Aga*, do capitão de cavalaria sueca Fale Burman com um alcance maximo de 30 quilometros, segundo a descrição do fabricante, excede muito as necessidades da infantaria; o seu preço é muito elevado, bastando dizer que a casa construtôra propunha a aquisição de duas lanternas para experiencias da sub-comissão por..... 452$50!

A *lanterna Leppin* é constituida por um tubo cilindrico de 0,1 de comprimento e 0,02 de raio, onde está a lampada electrica com comutador para a sinalisação; adapta-se a um binoculo e tem um alcance maximo, diz o autor, de 10 quilometros. A sua construção é perfeitissima e parece-nos que poderia ser adotada com ligeira modificação no estojo dos elementos de pilha, de maneira a permitir a ligação simultanea com duas lanternas. Emquanto a Comissão Tecnica de Infantaria não realisar experiencias definitivas, poderão ser adotados em cada posto *duas lanternas vulgares de bicicleta* com vidros de côr diferente (branco e vermêlho, como se pratica no Exercito Inglês).

Setembro 1914.

HENRIQUE PIRES MONTEIRO
Cap. d'inf. com o curso do E. M.

[1] O *traço* será indicado pela posição horisontal dos dois braços e o *ponto* pela posição horisontal do braço direito.

REMONTA

Nas paginas desta Revista, em 1910, o ilustre escritôr militar, sr. general Morais Sarmento, tratando da «remonta e dos efectivos de paz das tropas montadas» demonstrava que não é recente — bem pelo contrario — a dificuldade de obtermos os solipedes indispensaveis para a remonta do nosso exército, filiando nessa circunstancia a lentidão de mobilização e a nossa frouxidão na ofensiva durante as campanhas sustentadas no decorrer da nossa existencia como nação.

Temos vivido, sob esse ponto de vista, em permanente crise que, todavia, tocou agora o seu ponto culminante, motivando o alarme patrioticamente dado nesta *Revista* e na restante imprensa periodica por camaradas que, com razão, nela veem um dos maiores perigos que ameaçam a organização da defêsa nacional.

Sem ter, nem de longe, a pretensão de encarar a questão pelo lado restritamente tecnico, é nosso intuito reùnir nestas linhas alguns alvitres e elementos para o seu estudo sob o ponto de vista economico e administrativo.

*

Nunca fomos país de grande produção equina; relativamente aos ultimos tempos, provam-no as estatisticas:

Anos	Cavalos	Muares
1870 [1]	87:476	50:690
1900 [2]	88:000	56:520
1906 [1]	87:765	57:647

[1] *Estatistica agricola* — fasc. III.

[2] *Le Portugal au point de vue agricole,* por C. Costa e D. L. Castro.

Nestes números patenteia-se o grande descalabro dessa industria que de modo algum acompanha o aumento da população e o desenvolvimento dos outros ramos da riqueza nacional.

Quais as causas de tal decadencia? A resposta é bastante complexa: êrros dos homens e inevitaveis fenómenos economicos deram-se as mãos para a destruição desse ramo da pecuaria nacional.

Profundas transformações se deram no modo de ser economico dos principais centros de produção hípica — os distritos de Lisboa, Santarem, Portalegre, Evora e Beja.

Nos dois primeiros, sobretudo, a vulgarização das debulhadoras a vapor, dispensando o emprego de gado cavalar e muar, deu irremediavel golpe na criação sobretudo na recriação destas especies pecuárias.

Nos distritos alemtejanos, o fraccionamento da grande propriedade e o incremento da cultura cerealifera extensiva encarecendo os terrenos e restringindo a área dos pastos bastante contribuiram, tambem, para isso.

Ajunte-se a isto, nesses e nos restantes distritos do país, a generalização da viação electrica, o desenvolvimento da acelerada, a vulgarização dos automoveis e conseqüente decadencia do nosso tão tradicional desporte hipico e, finalmente, a desastrosa pratica agricola do plantío de vinha nalguns dos terrenos mais proprios para pastos e cultura cerealifera.

Para completar a obra, o alto preço dos cereais e a escassês, durante anos seguidos, dalguns dos generos componentes da ração (fava, por exemplo) elevaram a tal ponto o custo desta que tornou impossivel a criação em condições remuneradoras.

Por sua parte, o homem colaborou activamente na nefasta tarefa — a começar pela Coudelaria nacional da Fonte Bôa (Vale de Santarem) que por muito tempo limitou o seu papel ao pouco pesado encargo de preencher umas linhas de algarismos nos orçamentos dos ministerios das obras publicas ou do fomento e de espalhar pelos lavradores, a êsmo, reprodutores *hackneys*, luso-arabes e *pur-sang* ingleses — de tudo, emfim! num ecletismo bizarro que faria sorrir, se o caso fosse para isso.

Nunca, neste bem-aventurado país, o lavrador que criava o gado ou o negociante que o adquiria lá fóra, souberam qual o

tipo definitivo, invariavel, de cavalo para o exército ou, pelo menos, o preferido [1]; variavam os criterios com as comissões de remonta, de ano para ano: o que num era o ideal, originava no outro irrevogavel rejeição.

Isto até que em certa altura ganhou fóros o criterio de preferir-se a quantidade á qualidade, num prurido febril de mostrar-se ao país o *tour de force* de comprar muitos cavalos com pouco dinheiro.

Conseguiu-se realmente isso durante um ou dois anos, mas o resultado foi o que era de prevêr: criadores e negociantes do artigo, escarmentados já da periodica mudança de criterio das comissões de remonta, desanimados por ofertas de 18 e 20 libras por cavalos de três anos e três anos e meio, não estiveram por mais: venderam para Espanha e liquidaram por todos os meios possiveis uma produção e um negocio de tão negativos resultados.

Para baixar o nivel da produção hípica — não já em quantidade, mas em qualidade, contribuiu uma outra causa: como se sabe, para efeito de compras, as comissões de remonta deviam subordinar-se á média dos preços por cabeça nos ultimos três anos; daqui resultou o seguinte: as comissões, levadas pelo zêlo, assás louvavel, dos interesses da Fazenda nacional, procuravam adquirir os animais mais baratos ainda, de forma que a média de ano para ano baixava, o que tambem contribuiu para o retraímento desanimado de produtores e negociantes, passando os que persistiram no negocio a apresentar apenas gado de inferior qualidade — péssimo para serviço — embora o unico susceptivel de venda, com lucro, dentro da média, com exclusão completa de cavalos de bôa qualidade, para montadas de oficiais, e que só prejuizo lhes poderiam dar.

Já no país visinho tal não acontece em vista da ausencia de sujeição das comissões a limites no assunto permitir que se paguem os animais pelo seu valôr.

Em Portugal, á força de excessivo zêlo e economia, conseguiu-se o *desideratum* de comprar cavalos baratos, embora maus. Matara-se, todavia, a galinha dos ovos de ouro...

---

[1] Só em 1906 (O. E. n.º 26) se indicou como tipo oficial do nosso cavalo de guerra o *ibero-arabe*, variedade a crear...

*

Não se circunscreve a Portugal a crise. A Espanha, que durante muito tempo supriu o *deficit* da nossa produção cavalar, acha-se tambem a braços com ela, embora com menor intensidade. Muitas das suas grandes *ganaderías* são hoje uma sombra do que foram. Para exemplo citaremos a celebre firma Guerrero & Hermanos, de Jerez, com a especialidade de parelhas de luxo, nunca tendo menos de 1:200 a 1:300 éguas — e que hoje a custo terá 300.

Ainda há meses (pouco antes da guerra), para remonta do exército em Marrocos, o governo espanhol mandou a Badajoz e a outros pontos comprar solipedes — com poucas exigencias e por bom preço [1].

O que dizemos de Espanha póde aplicar-se a outros países, pois as causas economicas a que, ao tratarmos de Portugal aludimos, em toda a parte produzem identicos efeitos. Com a simples diferença de que lá, de há muito se previu a crise e se tomaram as medidas necessarias para conjurá-la.

Há bastante tempo já pôz a Espanha em prática principios adoptados pelo nosso Regulamento de remonta de 1911. Naquêle país, o Estado compra aos lavradores os pôldros de 2 anos a 2:000 reales (20 libras) e os de 3 anos a 3:600 e 4:000 reales (36 e 40 libras) calculando-se que ali se não gasta, em média, menos de 300 escudos para obter um animal nessas condições pronto para o serviço.

Presta-se assim uma eficaz protecção ao lavrador e o risco e a despêsa com o sustento do cavalo são amplamente compensados pela diferença entre os preços dos 2 para os 3 anos.

No intuito de fomentar a produção cavalar procura-se ali, tambêm, restringir a de muares, substituindo-se estas por cavalos na tracção da artilharia.

Não póde entrar no plano deste artigo a apreciação do resultado dessa substituição: crêmos mesmo que ainda não estão absolutamente de acôrdo as opiniões em Espanha sobre o assunto. Mais caro que o antigo ficou, com certeza, o sistêma.

---

[1] Por sinal que alguns negociantes portugueses lá apresentaram gado nacional.

A substituição foi feita após obstinada propaganda em que se empenharam nomes prestigiosos no meio militar espanhol (general Allendesalazar e outros) mas não foi bem interpretado pela opinião publica o motivo da substituição. Falou-se num convenio militar secreto com a França que tem aquêle sistêma de tracção na artilharia e a maledicencia, certamente para fins politicos, sem consideração pelo prestigio das instituições militares, chegou a insinuar pelos *mentideros* que ao caso não fôra estranha a simpatia de altas individualidades politicas espanholas por *ganaderos* de Valladolid que empenharam na operação avultados capitais, adquirindo nesse intuito, logo de principio, milhares de cavalos tipo Percheron e importando em seguida numerosos reprodutores para sementais, antecipando-se aos outros *ganaderos* e garantindo-se assim largo quinhão em subseqùentes remontas.

*

Expostas incidentalmente estas breves considerações sobre o estado da questão no país visinho, voltemos a nossa atenção para o problema em Portugal.

Está no espirito de todos, avivada pelas dificuldades ultimamente sobrevindas, a ideia dos perigos que podem advir da continuação da crise de remonta, que tão gravemente afecta a defêsa nacional. Urge dar-lhe remedio eficaz — convindo para isso, excluindo particularismos inoportunos e visto o problema interessar a todos nós, que se ouçam todos os alvitres e se faça um apêlo a todas as bôas vontades para sua melhor resolução.

Em nossa opinião, deve-se ter em vista:

1.º — Adquirir desde já os solipedes indispensaveis para completar os efectivos nas unidades;

2.º — Fomentar a industria da criação cavalar, facultando-lhe os necessarios meios e as indispensaveis garantias;

3.º — Desenvolver o gosto pelo desporte hípico, concedendo as possiveis regalias aos possuidores de cavalos, garantindo assim ao Estado, fontes a que recorrer em caso de mobilização.

Como consegui-lo? A satisfação do primeiro *desideratum* não se nos antolha facil.

Deixámos decaír a criação cavalar e hoje a aquisição do gado indispensavel será dificilima e há de custar-nos bem caro.

A dificuldade começa logo na escôlha do mercado para a compra.

Em Portugal, nem pensar nisso. . . Os efeitos da decadencia bem os vimos — e todos os que presenciaram a qualidade e o estado do gado que o ensaio de requisição pôz á disposição das tropas nas ultimas escolas de repetição.

Para os principais países produtores, as mais recentes estatisticas de distribuição mundial de solipedes apresentam os seguintes numeros [1]:

Russia	32.114:000	Suecia	574:872
Estados-Unidos	21.040:000	Bulgaria	536:616
Republica Argentina	7.537:765	Dinamarca	534:680
Alemanha	4.345:043	Espanha	455:476
Austria-Hungria	4.024:945	Colonia do Cabo	419:963
França	3.133:650	Cuba	386:593
Grã-Bretanha	2.152:286	Holanda	295:300
Australia	2.022:909	Belgica	253:431
Japão	1.494:506	Argelia e Tunisia	221:453
Nova Zelandia	1.352:832	Chile	182:821
Uruguai	1.000:000	Servia	174:363
Romania	864:324	Noruega	172:468
Mexico	859:217	Suiça	135:372
Italia	773:326	Grecia	100:000

Dos países constantes desta lista, temos que excluir da probabilidade de nos servirem de mercado aqueles que por circunstancias filiadas na guerra europeia, pela distancia ou pela procura originada nos seus numerosos efectivos militares não nos possam facultar a compra em razoaveis condições de preço.

Como possiveis mercados, temos — ou teriamos se não fôsse a guerra europeia:

Espanha: Além de ter padecido bastante com a crise, aumentou ali a procura de cavalos, pelas causas fixas e acidentais a que já aludimos.

A menor exigencia de altura (Espanha 1m,50, Portugal 1m,47) dáva-nos a possibilidade de ali adquirirmos muito gado, em boas condições para o serviço, não aproveitado pela remonta espanhola. A inutilizar-nos, todavia, essa vantagem, dá-se o facto de termos na compra desses cavalos, nos mercados andaluzes sobretudo, a concorrencia de granadinos e valencianos que,

[1] *Almanach Hachette,* 1914 (ed. compl.).

quasi sem olhar a preços, compram-nos ainda pôldros, para a lavra das suas terras — pois as muares contráem muito facilmente o môrmo nos terrenos alagados da veiga de Granada e da *huerta* de Valencia.

Mesmo em muares, apezar de lá não servirem para a tracção da artilharia, temos a concorrencia da remonta espanhola que, por exemplo, ainda há poucas semanas adquiriu alguns milhares desses animais, para tiro — das colúnas de munições e dos serviços administrativos, crêmos.

Estas considerações referem-se, claro é, a épocas normais, porque no atual momento, não só a restrição na saída de gado de Espanha, mas tambêm o absurdo ágio — 36 % na peseta, acima do par! — tornam absolutamente impossivel a vinda de solipedes daquele país.

França: Este país tambêm padeceu muito com a crise, tendo recorrido ultimamente em larga escala aos mercados estrangeiros. Já ali fizémos uma tentativa de remonta na feira de Tarbes, aonde concorrem, além da francêsa, as remontas espanhola e italiana. Abstraindo da anormalidade da actual situação de guerra, bastaria o facto apontado e esta concorrencia para afastar a ideia de lá nos podermos fornecer em boas condições de preços: a remonta francêsa, por exemplo, compra ali os solipedes com altura superior a 1m,55 a 1:200 francos, em média. Nós temos em nosso favor, verdade é, o sermos menos exigentes nisso: o transporte, todavia, e os prejuizos que póde originar, bem como (não sendo adquiridos lá directamente pelas comissões) o imposto de entrada [1] absorvem completamente qualquer possivel lucro.

Pensou-se na Austria-Hungria, mas crêmos que por diversas razões, entre as quais a crise da criação cavalar, que atacou sobretudo a Galicia, a principal região produtora, foi posta de parte, então, essa ideia, e hoje, mesmo após a guerra, será um mercado com que definitivamente deixará de contar-se.

Ha, finalmente, o recurso da Argentina, de que já nos valemos e cujo insucesso relativo foi devido, segundo a opinião do capitão de cavalaria e E. M. sr. Julio de Morais Sarmento, principalmente á falta de critério na sua distribuição e regimes ali-

[1] Animais castrados, cêrca de 32$50 (150 pesetas) por cabeça; inteiros, 22$50. Pôldros, até 2 anos, pagam menos.

mentar e de trabalho. Convirá repetir a experiencia? Olhando a preços, convém, indubitavelmente. Sob o ponto de vista técnico — decidam-no os entendidos. *Ne sutor*. . .

Do exame dos mercados conhecidos e habituais o que se apura, é, que lutaremos com enormes dificuldades para aquisição de cavalos satisfazendo ás exigencias regulamentares: já montados, não os obteremos por menos de 45 a 50 libras cada um (pois mais do que isso paga hoje a Espanha), pelas circunstancias apontadas, agravadas, pelas conseqüencias da actual guerra europeia.

Em muares, encontraremos dificuldades menores: há-as em relativa abundancia nos mercados peninsulares, principalmente das de pequena corpulencia, para artilharia de montanha e sotas: para troncos de artilharia de campanha e pontoneiros, não se poderão adquirir por menos de 45 libras cada: já hoje, em Lisboa, particulares e emprêsas, estão pagando-as mais caras ainda.

Do exposto, se vê, que para remediar as perigosas deficiencias da nossa remonta, necessarios se tornam, não só muito criterio e actividade, mas tambêm — e sobretudo, dinheiro, sendo duma mesquinhês desanimadora a verba anual de 100:000$ do orçamento: os créditos extraordinarios obtidos do Parlamento pelo ex-ministro da guerra, sr. general Pereira d'Eça, constituem apenas paliativo, bem precioso aliás, no actual momento historico.

Á compra no estrangeiro, todavia, que deverá ser um meio de remediar as deficiencias da ocasião, anda quasi inevitavelmente ligado o inconveniente de termos que sujeitar-nos ao refúgo das remontas de outros países. E' indispensavel, por isso, que tratemos de fazer produzir no nosso territorio os recursos, para o que não nos escasseiam condições favoraveis.

Assente o tipo do nosso cavalo de guerra, urge cuidar da escôlha e distribuição de reprodutores. Dando ao lavrador a certêsa de que se trata disto a sério, obteremos a sua cooperação, com o que êle só terá a lucrar, pois o cavalo de guerra é, por via de regra, um bom cavalo agricola.

No meio da nossa pobreza, ainda de alguns recursos dispomos — o suficiente para não desanimarmos por completo, da restauração de tão importante ramo da riqueza publica. Em muitos pontos do país, Aveiro, por exemplo, há grande numero de éguas capazes de bons produtos.

Deste distrito e dos do Minho têem sido inclusivamente, exportados muitos cavalos para Inglaterra e outros países onde a voga do *polo* e de outros jogos equestres fez nascêr a procura para esse fim, de animais de pequena estatura.

Seria injustiça deixar de reconhecer, que os nossos governos, nos ultimos anos, têem trabalhado nesse sentido, procurando resolver o problema da produção hípica, cabendo ao ministro sr. general Correia Barreto, a honra de ter feito publicar um Regulamento de remonta, digno desse nome e com orientação moderna e progressiva — pois não estavam nêsse caso as antigas instruções sobre o assunto cifrando-se quasi exclusivamente em preceitos para compras, e listas dos vicios redibitorios. Nêle se consagra o principio da aquisição de pôldros pelo Estado, abandonando-se o exclusivismo do antigo sistema de só se comprarem animais de edade superior a 3 anos, e já montados no caso de terem mais de 4 anos. Esta e outras causas originavam o facto de ser vendida para Espanha a maior parte dos nossos pôldros logo ao ano e meio, dois anos o maximo.

E' que o que convém ao lavrador, é desfazer-se dos animais com ano e meio, pois só lhe acarretam risco e despêsa, porque, se a muar já aos 2 anos póde ser empregada na lavoura, o cavalo só depois dos 3 e 3 ½ é que poderá ser utilizado. Só garantindo-lhe colocação dos produtos nas condições apontadas o lavrador se abalançará novamente á criação cavalar.

Esta medida, torna indispensavel a existencia de depositos de remonta: o insucesso dos que em tempos idos tivémos, só poderá servir de argumento a favor duma criteriosa escôlha do local para êles e de rigorosa selecção do pessoal dirigente.

Um processo, a tentar, de recriação de cavalos por conta do Estado, seria o confiá-los para esse fim, a particulares, mediante remuneração.

No distrito de Aveiro, por exemplo, é vulgar essa prática entre os negociantes de gado cavalar: adquirem os pôldros e põem-nos a reeriar em casa de agricultôres a quem pagam, em média, um escudo, mensalmente. O gado é, em geral, deficientemente alimentado com palha de arrôz, etc., (os negociantes só os arraçôam proximo da época da feira) mas crêmos que pagando o Estado mais alguma cousa pela obrigação dos recriadôres lhe darem melhor alimentação e sujeitando o contrato á

fiscalização de delegados da comissão técnica de remonta e á vigilancia imediata dos veterinarios dos municipios, poder-se hia obter bom resultado, conservando-se neste regime os animais até aos 3 ½ anos e conseguindo-se por esta fórma, bem como pelos depositos e potrís, que o Estado dispuzésse em poucos anos do gado indispensavel para o serviço e em boas condições economicas.

Resta-nos tratar da generalização do gosto pelo hipismo que facultaria á remonta valiosos recursos. Têm-se pensado ultimamente no sistêma austriaco de «cavalos de complemento» [1] que consiste na aquisição de cavalos pelo Estado, que manda ministrar-lhes ensino, entregando-os em seguida a particulares, a cujo cargo e serviço ficam, com obrigação de os apresentarem unicamente nas convocações ordinarias e extraordinarias do exercito.

Parece-nos que para a adopção desta medida no nosso país produzir resultados apreciaveis, deverá ser precedida e acompanhada duma activa propaganda tendente a demonstrar as vantagens que dela podem advir aos particulares, aos agricultôres, sobretudo: as estações superiores dos serviços do fomento compenetrando-se «do que o exercito quere»—o bem do país, exclusivamente — auxiliariam, poderosamente, por seu lado, essa iniciativa demonstrando-lhes as vantagens dessa medida, das quais uma e de não pequena monta é a do aproveitamento dos estrumes produzidos por aquela especie pecuária, em substituição dos adubos químicos carissimos com que a pouco e pouco vão esgotando as terras e dissipando os lucros que da cultura delas lhes poderia advir.

C. D.

[1] Crêmos que o sr. major Pereira Bastos, quando ministro da guerra, tinha já em preparação medidas sobre este assunto.

O COMBATE AEREO

Em vista da alta importancia que atualmente tem o combate nos ares, assim como o ataque ás obras existentes no terreno dos aeroplanos e o ataque a estes feito de terra, vale bem a pena que se realisem experiencias para esclarecer a questão. E comtudo, parece que não é muito facil realisar semelhantes experiencias para deduzir d'ellas consequencias em que se possam fundamentar seguros ensinamentos.

A'cerca d'este assunto, são interessantes as opiniões emitidas pelo escriptor C. Dieustbach, no *Scientific Americain*, que transcreve os juizos de peritos sobre o modo como devem desenvolver-se os combates aereos.

Partindo dos resultados que, segundo a imprensa allemã, se obtiveram com as metralhadoras para alcançar os dirigiveis, expõe o autor o pouco valor que os francezes ligam a este armamento dos dirigiveis em attenção á facilidade, cada vez maior, que possuem os aeroplanos para se elevar.

Efectivamente, nos ultimos anos tem-se podido comprovar que os aeroplanos attingem as mesmas alturas que os dirigiveis; estes não podem alcançar grandes elevações, a não ser por um sacrificio de gaz ou á custa da diminuição das suas condições de transporte.

Um aeroplano habilmente tripulado pode conseguir a mesma rapidez nas ascensões que um dirigivel, e, portanto, pode desde logo operar contra este. Succede com muita frequencia que um aeroplano não encontra dificuldades para subir desde logo a uma altura conveniente. Um exemplo d'isto está nos vôos realisados a grandes alturas sobre os Alpes e os Pirineus.

Admite-se em França que, na actualidade, o combate aereo é essencialmente um combate de escalada das alturas sendo como que um duelo d'aves de rapina artificiais. O essencial é que os aeroplanos possam alcançar a mesma altura que os dirigiveis e, segundo as opiniões francesas, estes não excedem em valor os aeroplanos.

O assunto não é, todavia, simples, valendo a pena estudal-o detidamente.

A altura, parece ser rialmente um factor importantissimo, se se admitir que um aeroplano, em consequencia da sua velocidade, pode elevar-se até uma altura tal que d'ele, colocando-se sobre o dirigivel, se possa deixar cahir uma bomba e destruil-o. O erro dos franceses salta á vista ao comparar a velocidade da bomba que cae com os tiros das metralhadoras.

Tendo em atenção o armamento dos dirigiveis, é preciso que a bomba que se lança sobre eles seja deitada pelo menos da altura de 2.000 pés. E' igualmente necessario que os aeroplanos vôem com a mesma velocidade e na mesma direcção que os dirigiveis, para em todos os casos poderem bater alvos de extraordinaria mobilidade. Actualmente está de pé o calculo da determinação da velocidade aproximada do aeroplano quando vôa sobre o terreno, em relação com o alvo e a distancia á terra, para alcançar um alvo com uma bomba, sucedendo o mesmo quando se trata do fogo feito de um dirigivel.

Para os inimigos de terra, unicamente ha a considerar a velocidade dos aeroplanos e dirigiveis.

Como responde a pratica a estas opiniões theoricas? A eficacia do tiro de uma metralhadora moderna é enormemente grande, tão grande como o fogo de uma companhia de infantaria. Emquanto que os antigos projecteis de infantaria tinham pouco mais de 750 pés d'alcance, agora com a adopção das balas com camisa d'aço e os projecteis ponteagudos aquela distancia duplicou. No fogo por angulos de elevação o alcance aumentou cerca do triplo a mais que anteriormente. Um aeroplano encontra-se muito em perigo quando está dentro do raio d'áção de um dirigivel munido com aquelas armas. Isto sucede especialmente nos dirigiveis Zeppelin, nos quaes, dadas as suas condições especiais, é muito possivel um tiro feito com serenidade, e isto somado á extraordinaria precisão das metralhadoras modernas, são factores a attender em primeiro logar.

Arrojar bombas contra as citadas armas é retroceder aos processos da edade media, de lançar cubos cheios de pez a arder. Para uma distancia tão limitada como 2.000 pés não se exige muita habilidade para attingir um aeroplano, emquanto que para d'este poder lançar-se uma bomba com

exito tem que permanecer muito tempo expondo a sua maior dimensão ao dirigivel. Por outro lado, como uma bomba necessita pelo menos 13 segundos para percorrer na sua queda uma distancia de 2000 pés, é este tempo suficiente para evitar os seus effeitos.

Na atmosfera diaphana das altas regiões pode um observador, em dirigivel, com um bom binoculo e sem nenhum trabalho, observar qualquer aeroplano que se encontrar sobre aquelle a 2000 pés.

De certo que se distinguirá facilmente o lançamento de uma bomba e mesmo no crepusculo mediante a iluminação por meio de um poderoso projector, de que estão dotados presentemente todos os dirigiveis. Com a grande velocidade e a facilidade de evolucionar o dirigivel pode livrar-se da bomba quando esta é lançada.

O dirigivel, durante os seus movimentos e dentro do seu circuito de acção, não perde a precisão do seu tiro. Por outro lado, uma bala de metralhadora percorre 2436 pés por segundo quasi em linha recta, ainda que se dispare com grandes angulos de elevação, e estes conseguem-se facilmente por uma simples varíação de pontaria ou de disposição das metralhadoras, o que se pode fazer dada a resistencia dos actuaes dirigiveis.

Semelhante fogo tornará impossivel que, tomando por alvo o aeroplano, possa este lançar uma bomba.

D'aqui se deduz a impossibilidade d'um aeroplano poder manter-se colocado verticalmente sobre um dirigivel. Mediante uns vôos em zig-zag, tentou o tenente Scott, inventor d'uma alça, tripulando um dirigivel e fazendo grande numero de evoluções, subrair-se aos tiros. Por outro lado, a trajectoria d'uma bomba ao cair, é uma curva que não se pode calcular com precisão. Sem um oculo automatico suspenso verticalmente e grande habilidade no manejo do leme não é possivel seguila colocado verticalmente sobre um dirigivel que navega dando voltas. Mas de todos os modos, para que o aeroplano possa causar dano a um dirigivel é forçoso que a bomba caia em linha recta, e para isso o aeroplano deve ter a correspondente velocidade de marcha para se manter sobre o dirigivel, sendo pouco verosimil que se consiga este resultado.

Finalmente ha que ter presente que as bombas a lançar dos aeroplanos são de pouco peso e grande superficie, e, por-

tanto, ao atravessarem as diversas camadas atmosfericas, os ventos tendo diferentes velocidades, desvial-as-hão na sua queda, sendo muito grande este desvio quando a altura de queda fôr excessiva. Ha unicamente um meio de evitar isso; é revestir a barquinha do aeroplano com uma couraça que lhe permitta aproximar-se do dirigivel, mas n'esse caso corre o perigo de ser alcançado pela explosão do mesmo. Com uma metralhadora pode destruir-se o leme. O propulsor não pode blindar-se e, por conseguinte, sempre fica vulneravel. E se o aeroplano fôr blindado, pode o dirigivel levar um pequeno canhão no logar das metralhadoras.

Decerto que se farão experiencias com aeroplanos armados de metralhadoras, e por ambos os lados se tratará de resolver o combate por meio das armas de fogo, e perante a situação actual se imporá finalmente uma especie de tatica de caça.

Desde o momento em que, tanto os dirigiveis como os aeroplanos, sejam dotados de metralhadoras a bordo, é preciso que elles fiquem muito á mão. Então, em igualdade de armamento, os grandes dirigiveis com a sua grande massa, estarão em inferioridade com relação aos aeroplanos de menor volume. Mas as grandes condições de transporte que teem os dirigiveis permittem-lhes conduzir canhões a bordo, os quaes em consequencia dos seus grandes alcances, farão com que os aeroplanos se mantenham a grandes distancias.

Por outro lado, para que os aeroplanos possam causar dano, terão que se colocar a uma distancia eficaz. A rapidez no manejo dos canhões que se instalem nos dirigiveis é a mesma, pelo menos, que a das metralhadoras actuaes. O adoptar-se estas nos dirigiveis foi para elles se defenderem das bombas arrojadas dos aeroplanos, e agora o armarem-se os dirigiveis com canhões corresponde ao facto de se defenderem das metralhadoras transportadas pelos aeroplanos.

As opiniões dos escriptores americanos conteem, realmente, conceitos muito justos, e são conformes em que a ideia de considerar o dirigivel como uma preza do aeroplano, tem perdido terreno. O final de um combate entre dirigiveis e aeroplanos no momento presente não pode predizer-se de nenhum modo, á falta de experiencias. Para esclarecer este ponto de vista terão ellas que se realisar para discutir com se-

gurança os resultados que se pense obter em tão interessante assumpto.

Em outro artigo o auctor fala, em poucas palavras, do combate com aeroplanos inimigos. N'este caso, é muito dificil tirar illações, e com rasão diz o auctor que o momento psicologico do ataque de um aeroplano por outro é muito diferente do combate entre aeroplanos e dirigiveis, pois especialmente estes ultimos só podem ser combatidos pelas armas de fogo.

Até hoje, muito poucos, ou talvez nenhum exemplo se encontra na historia das guerras de que se tenha dado ataque entre dois aeroplanos. Em Tschaldja, os aeroplanos turcos e bulgaros encarregados da exploração, não se atacaram uns aos outros. Ao precipitar-se um aeroplano sobre outro, ha attender que n'este lance desesperado a situação de um pode ser tão terrivel como a do adversario.

A'cerca d'estes extremos o futuro illucidará. De certo que nas guerras futuras se encontrarão tambem homens que em todas as occasiões não hesitarão em expôr o seu aeroplano e a sua vida pelo bem da sua patria.

(Traduzido do *Kriegstechnisiche Zeitschrif für Officiere allei Waffen).*

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Importação e exportação de cavalos. — Segundo dados colhidos da informação mensal sobre a importação e exportação de cavalos na Alemanha, os algarismos obtidos para os meses de janeiro a setembro de 1913, são os seguintes, que se dão comparados com os de 1912.

	1913	1912
Comprados	119:900	110:610
Vendidos	4:374	5:974
Superavit de importação	115:526	104:636

A importação procede principalmente da Russia, Dinamarca, Belgica e Grã-Bretanha, e a proporção de cada país é a seguinte:

I.—Russia	1912	1913
Cavalos de lavoura	36:954	32:587
» » valor inferior a 300 marcos	14:393	14:052
Poldros novos	366	234
Total	51:713	46:873
II.—Belgica		
Cavalos pesados de lavoura e éguas	7:473	6:976
Idem reprodutores	131	75
Total	7:604	7:051
III.—Dinamarca		
Cavalos pesados de lavoura e reprodutores	13:416	14:299
Idem reprodutores	1:842	1:974
Total	15:258	16:273
IV.—Inglaterra		
Cavalos de tiro e de séla	1:795	1:371

Os algarismos que se referem a França, são especialmente interessantes, por ser necessário maior número de cavalos pelo aumento dos efectivos.

Nos dois últimos anos as cifras de importação e exportação, são:

Importação:	1913	1912
Cavalos de lavoura	5:604	5:404
» » séla e tiro	5:631	5:977
Exportação:		
Na sua maior parte á Suissa	3:820	4:144

Estações para dirigiveis. — A Alemanha possui atualmente 94 estações para dirigiveis, com 29 hangards fixos e 4 moveis, e estão-se construindo mais 8 dos primeiros.

Dos 29 hangards fixos, 14 são de ferro, 11 de madeira, 3 de ferro e madeira e 1 de cimento armado.

Destes hangards, 9 estão dispostos nas seguintes povoações: Colonia, Konigsberg, Liegnitz, Metz, Strasburgo e 4 em Tegel. E os 8 em construção, estão já destinados em Cuxhaben, Aix-la-Chapelle, Allestein, Grandenz, Hanover, Lahz e Schneidermuhl.

As estações de Biesdorf, Bitterfeld, Brunswich, Colonia-Nippes, Dresde, Francfort, Friedrischshaven, Hamburgo, Gotha, Joanislhal, Kiel, Leichlenguen, Leipzig, Manzell, Baden-Oos, Postdam, Manheim-Rheinaw e Wanne, pertencem, parte, a sociedades particulares e outros ás administrações dos distritos comunais.

Operações de radiotelegrafia. — O exercito alemão dispõe de 3 espécies de estações radiotelegraficas: as fixas, as transportaveis e as aéreas.

As primeiras existem nas praças fortes e designam-se com o nome de *estações de fortaleza.* O seu raio de acção é de 1:000$^{kl.}$, suficiente para se pôr em comunicação as mais distantes das fronteiras com a estação central de Nauen, em Berlim, e com os dirigiveis.

As estações transportaveis, ou de campanha, destinam-se aos altos comandos; distinguem-se duas classes delas, pesadas e ligeiras de campanha. O raio d'ação das primeiras é de 200$^{kl.}$ e das segundas de 60 a 70$^{kl.}$.

Os quarteis generais do comando em chefe, os dos comandantes gerais do exercito e os das divisões de cavalaria levam estações pesadas, indo o pessoal sentado nas carruagens; os dos generais de corpo de exercito só excécionalmente as recebem. Em cada posto vão uma ou mais estações, que funcionam alternativamente.

Em marcha, uma estação permanece funcionando até que a outra entre em actividade na nova posição; durante os dias de repouso, uma das estações fica de reserva. O armar e desarmar uma estação dura uns 15 minutos.

As estações ligeiras, levam todo o pessoal a cavalo e o material é menos pesado; são destinadas aos esquadrões de exploração das divisões de cavalaria, que formam os postos centrais para receber os despachos. Deste modo, todas as noticias das patrulhas de oficiais, vão rapidamente do esquadrão de exploração ao quartel general de exercito, passando pela divisão de cavalaria.

As estações aéreas que vão nos dirigiveis, estão organizadas só para transmitir despachos; o seu raio d'acção é de 300$^{kl.}$.

Austria

Automoveis elétricos para transportes. — Por ordem do ministro da guerra, efectuáram-se em Viena, umas experiencias interessantes de transporte com automoveis elétricos.

A colúna de transporte, compunha-se do carro motôr e 5 reboques, tambem automoveis.

O motôr principal era de benzina, de 150 cavalos, acionando um dinamo que facilita a corrente a todos os automoveis elétricos da colúna. O pêso transportado foi de 30 toneladas.

Creação de exploradores de infantaria montados. — Por decreto ministerial ficou assente que, nos corpos, cada companhia de infantaria ou de caçadores, deve dispôr de um explorador montado de infantaria, de modo que possa assegurar por seus proprios meios, o serviço de reconhecimento, de segurança, de ligação e de estafetas. A cavalaria divisionária não terá de futuro de assumir este trabalho.

A instrução equestre do explorador, será limitada ao estritamente necessario. A sua instrução como infante, deve ser completa, permitindo poder ser enviado á linha de fogo, se não fôr utilizado em um serviço especial.

Esta instrução especial é dada aos exploradores sem recorrer ás armas montadas.

Belgica

A posição fortificada de Antuerpia. — Esta posição, recentemente tomada pelos alemães, era destinada a servir de reduto para a defeza do país. Começou a sofrer uma transformação radical em 1909, com a construção de uma linha de fortes á altura dos antigos avançados de Schrooten, Lierre, Waelhem e Rupolmonde, para formar um cordão distante do centro da praça uns 15 a 20$^{kl.}$; com a mudança do recinto contínuo sobre a linha dos antigos fortes Muxem e n.^{os} 1 a 7, que formam a 2.^{a} linha, e com o desmantelamento do antigo recinto e das defezas de Turmonde, povoação situada a 30$^{kl.}$ de Antuerpia.

O orçamento da transformação importava em 97 milhões, dos quais 65 para a fortificação (47 para a linha avançada e 18 para a 2.^{a} linha) e 32 para o armamento. Os trabalhos da 1.^{a} linha, começados em 1909, deviam terminar em 1913 e o desmantelamento do antigo recinto, teve principio em 1910.

Os periódicos belgas de fins de 1912, anunciáram que o governo havia solicitado créditos suplementares, dos quais 7 milhões para o armamento de novas obras defensivas e 800:000 francos para a compra de munições e defezas acessorias.

A 1.^{a} linha consta essencialmente de 19 fortes, sendo 6 antigos e 13 novos; e 15 fortins, sendo 3 antigos e 12 novos, a saber: Lado direito do Escalda: 16 fortes, 13 fortins, sendo os primeiros, Berendrecht (novo), Stabroeck (antigo), Erbrand (novo), Brasschaet (novo), Schooten (antigo), S. Granenwered (novo), Oeleghem (novo), Broechem (novo), Kessel (novo), Lierree (antigo), Koningsbroyckt (novo), Wavre-S^{t} Catherina (antigo), Rijweg (novo), Liezcle (novo). Os fortins são: Berendrecht (antigo), Stabroeck (novo), Cappellen (an-

tigo), Eykelenberg (novo), Aerdaen (novo), Massenhonen (novo), Kruystraet (novo), Wane-St Catharina (novo), Caminho de ferro (antigo), Heyndork (novo), Aspot (novo), Droregen (novo).

Lado esquerdo do Escalda: 3 fortes e 2 fortins. Os primeiros, são: Stendorp (antigo Rupelmonde), Haesdonk (novo), Doel (novo); os segundos, Lauwershock (novo) e Landnolen ou Haesdonk (novo).

A 2.ª linha, ou recinto contínuo, compreende no lado direito o antigo forte de S. Filippe, o reduto de Oorderen, o forte Merxem e os fortes 1 a 7, e na esquerda o forte Sta Maria, o dique defensivo e forte de Zwyndrech e o forte de Kruybeke.

Entre os fortes da 1.ª linha ha a notar que alguns deles têem o seu campo de tiro pouco desenvolvido, podendo citar-se um que está encravado entre construções civis.

A 2.ª linha originou largas discussões, que ultimamente proseguiam ainda. Para fechar os espaços entre os fortes, fôram propostos dois sistemas de cortinas, um com fôsso aquatico de 30m de largura, e com parapeito de 3m de alto, e o outro com fossos sêcos, tendo-se optado pelo segundo, por prejudicar em menor grau os interesses da povoação civil.

Conserva-se esta 2.ª linha por estar muito proxima da cidade para a proteger contra um bombardeamento, e muito distante da 1.ª para a sustentar ou apoial-a eficazmente. Na opinião dos seus detractores, em vez do sistema d'ambas as linhas, teria sido mais conveniente organizar uma unica, com grande solidez.

O recinto contínuo com fôsso sêco, é mais caro do que o sistema de parapeito e fossos aquaticos; mas como já foi dito, prejudica em menor grau os interesses estranhos á defeza, aos quais não se quiz dar senão uma quantidade minima. Sendo o obstaculo menos profundo que no outro caso, a solução da continuidade entre Antuerpia e os seus arredores é menos acentuada, a respeito das vias de comunicação existentes e não se opõe no futuro á criação doutras novas. Deixando o recinto á altura dos antigos fortes Brialmont, é assegurado á posição um amplo espaço para o seu desenvolvimento regular durante muitos anos.

A zona correspondente ao baixo Escalda, ficou pouco defendida, não se chegando a construir as obras que deviam ter principalmente acção maritima.

Como prova que a praça d'Antuerpia, estava ainda longe de poder ser considerada como reduto de defeza nacional, recordaremos, que em época recente, e por ocasião do orçamento da Guerra, um deputado, ao perguntar se os fortes do baixo Escalda iam ser construidos em breve e se a povoação estava ao abrigo de um bombardeamento, obteve a contestacão por parte do Governo, de que, sobre os ditos fortes ainda não tinha sido fixada a situação por estar dependente de transformações projeetadas no curso do rio, e que Antuerpia ficaria ao abrigo de qualquer bombardeamento na zona da direita, quando ficassem concluidos os fortes da 1.ª linha, mas não para a zona da esquerda do rio, onde por haver ficado adiada a construção de algumas obras de defeza, existem zonas insuficientemente batidas e outro tanto cabe dizer pelo que respeita ao baixo Escalda, no qual o bombardeamento dos barcos é facil, contanto que não sejam construidas e artilhadas as obras que hajam de opôr-se ao avanço daqueles.

Pela relação que tem com o assunto da defeza de Antuerpia, notaremos que a foz do Escalda se encontra em territorio holandês, e que as modernas defezas autorizadas em junho de 1913, para Flessinge, fecham a comunicação entre aquela praça e o mar, ficando anuladas tanto a acção de lograr uma saída para o exercito belga, como o desembarque em Antuerpia de um exercito expedicionario de socorro.

Assunto este muito debatido nas camaras holandêsas, onde chegou a dizer-se que redundava em proveito da Alemanha e em prejuizo da Inglaterra, constituindo uma especie de iman que atrai a tormenta nacional, foi tambem objecto de estudo e discussão nas nações a cujos interesses afecta, julgando que a iniciativa dele, era de procedencia alemã. As considerações sobre que fundamentavam o projecto, expostas no Parlamento holandês, eram as seguintes: A posse das bôcas ocidentais do Escalda, é muito importante para uma esquadra que opere sobre as costas da Belgica. Constituiriam para ela uma estação naval, um porto de refugio e de operações, um ponto de apoio para o bloqueio, um porto de saída para os torpedeiros, sendo portanto indispensavel manter a sua neutralidade intacta e defender o porto de Flessinge. A esquadra holandêsa, não está em condições de o fazer; as forças moveis de terra tampouco, porque seriam necessarias forças numerosas e cujas comunicações ficavam muito expostas. Um forte couraçado, poderosamente artilhado, independente, seguro contra um assalto, impedirá a utilização de Flessinge como base de operações.

Bulgaria

Oficiais destacados no exercito alemão. — Com auctorização do Kaiser, 4 oficiais bulgaros, pertencentes respectivamente á infantaria, cavalaria, artilharia e saude, vão ser destacados, durante um ano, no exercito alemão. Durante a duração da sua incorporação, estes oficiais usarão o uniforme bulgaro. A sua permanencia na Alemanha, poderá ser prolongada, sendo preciso, durante mais um ano.

China

Reformas no exercito. — No Ministerio da guerra, trabalha-se na redacção de uma nova lei de serviço militar, estabelecendo o serviço militar obrigatorio. A obrigação para servir, começará desde os 24 anos. O tempo de permanencia no serviço activo será de 3 anos. A distribuição de recrutas por armas e corpos, parece será conforme a constituição física do individuo.

Para o alto comando e inspecções do exercito, o territorio chinês será dividido em 8 regiões ou distritos militares.

O governo pensa em pedir á Alemanha oficiais iustrutores para o seu exercito.

A comissão será composta de um general e 6 oficiais de estado-maior para a capital e 200 oficiais instrutores para os outros pontos da Republica.

Aviação militar. — Já regressáram á China, os instrutores aviadores franceses, que estão trabalhando afim de organizar no menor prazo possivel, a Escola de aviação de Pekin.

Até agora, a escola dispõe de 12 aparelhos, mas dentro em pouco possuirá de um bom numero de aeroplanos.

A escola será inaugurada oficialmente, e, a julgar pelo entusiasmo que despertou, espera-se ser um triunfo a sua criação e excelentes os resultados a obter.

Dinamarca

Aerostação. — A Dinamarca, que tambem presta grande atenção á aviação, constituiu uma sociedade, subsidiada pelos Ministerios da Guerra e da Marinha, com 2:000 corôas anuais, e cujo 1.º acto, foi adquirir um balão destinado á escola de pilotos. Os socios, para nelle praticar, devem pagar 150 corôas para despezas de aprendizagem.

Creou-se mais tarde um aerodromo scandinavo e fizeram-se propostas oficiais para que a sociedade se encarregue da instrução dos aviadores militares, para o que foi cedido na ilha de Amaguer uns 700^{m} de terreno.

Mais tarde, creou-se uma escola de aviação com 2 secções, uma para o exercito e outra para a marinha.

A direcção esteve a cargo dos oficiais que possuiam o diploma de piloto e a inspecção suprior foi confiada a um oficial superior do Estado maior de armada e a um almirante.

Para a aviação militar, dispõe-se de dois monoplanos e para a marinha de um Farman. Dedica-se grande atenção aos balões cativos para a defeza de costas, tão extensas nesse país.

Tambem foi adquirido um dirigivel Parseval de 750^{m3}, destinado á guarnição de Copenhague.

Escola de ginástica. — É reorganizada esta escola, que passa a depender do inspector geral de infantaria.

Compor-se-á de um coronel ou tenente-coronel, comandante da Escola, um capitão instrutor e dois oficiais superiores, tambem professores.

O comandante da Escola pode sel-o durante 10 anos, mas os professores não poderão permanecer na Escola por mais de 4 anos.

Haverá os seguintes cursos:

1.º — Um curso para oficiais, de 1 de janeiro a 31 de março;
2.º — » » dos instrutores, de 31 de março a 1 de outubro;
3.º — » » » professores de ginástica, até ao mês de abril do ano seguinte;
4.º — Um curso de repetição para professores durante 20 dias.

Aparelho para lançamento de granadas de mão. — Construiu-se ha pouco em Copenhague, com o nome de obuz, para o lançamento de granadas de mão, um aparelho inventado pelo engenheiro Rosen.

O obuz é constituido por um tubo d'aço delgado, de 35^{cm} de comprido e 8^{mm},75 de largo; sustenta-se por um cavalete de madeira, podendo-se dobrar, o que permite o seu transporte a dorso.

O obuz, compreendendo os acessorios, pesa apenas 10^{kg}, sendo a pontaria em altura efectuada com angulos que variam entre 20º e 65º.

O aparelho, cujo manejo é muito simples, projecta as granadas a uma distancia de cêrca de 400m.

Construção de um novo forte. — Foi principiada a construção de um novo forte, que fica a uns 10kg ao norte de Copenhague, proximo de Sant.

Esta obra deverá constituir a parte extrema lateral das fortificações da cidade.

Parece que o seu armamento será constituido por obuzes de grande calibre.

Estados-Unidos

Telefonia sem fios a 1:000kl. — Verines, director do Instituto telegrafico de Roux, em uma conferencia na sociedade internacional de elétricidade, deu a conhecer as experiencias de telefonia sem fios de grande alcance, efectuadas no ano passado: primeiro de Roma á Sicilia, na distancia de 500kl: depois de Roma a Tripoli, á distancia de 1:000kl.

O método é o seguinte: Por meio de um dinamo de corrente contínua, produz ondas d'alta tensão (100:000 periodos por segundo), o qual está ligado a um circuito oseilatorio com condensadores.

Os microfonos empregados no posto transmissor eram do tipo hidraulico, suportando correntes elétricas intensas.

O autor produz transmissões com o consumo de força de 1kl (2 ampères e 500 volts).

Pessoal do corpo de aviação. — Atualmente está-se lutando com dificuldades na organização do corpo de aviação, em consequencia da falta de pessoal habil.

Até agora, só se conta com 12 oficiais, e muitos dos que tem solicitado ingresso na Escola de aviação, desistiram.

A causa principal desta crise, é atribuida ás grandes vantagens oferecidas pelas emprezas civis.

Corpo de motociclistas voluntarios. — Por uma recente disposição, foi criado este corpo para as unidades do exercito territorial.

O seu numero será, por agora, de 3 oficiais e 144 praças, que usarão o uniforme da arma ou do corpo em que prestem serviço, e irão armados com pistolas.

Correrá por sua conta a compra e conservação da maquina, e receberão 8 schillings diarios em marchas para atender ao dispendio de combustivel e deterioração da maquina.

França

Ciclistas. — Por uma ordem recente do Ministerio da guerra foi criado, para facilitar a preparação militar dos mancebos de determinadas categorias, o corpo de ciclistas combatentes. Para alcançar este título é necessario realizar uma marcha em bicicleta e com ela ás costas e mais uma pratica de tiro.

Em uma das provas ultimamente levadas a efeito, percorreram uns 60kl, sendo destes 50 por estrada e 10 fóra dela, depois um exercicio de tiro, reali-

zando-se a marcha por grupos que deviam na chegada percorrer uns 500m com a maquina ás costas sem desarmal-a, durando o percurso 5 horas. O concurso foi feito com a espingarda Lebel, a 200 metros, em qualquer posição sobre alvos silhuetas de 1m,50, fazendo cada atirador 8 tiros, dos quais só se contaram os 6 melhores, devendo 3, pelo menos, serem brancos.

A aviação e a artilharia. — O aeroplano será um valioso auxiliar da artilharia. Actualmente emprega-se quasi que exclusivamente na artilharia francêsa o tiro indirecto, o que exige para os comandantes de bateria dos grupos o emprego de carros observatorios: estes são de pequena altura, não servindo para dirigir o tiro contra um alvo tambem oculto, como será provavelmente a artilharia adversa.

No campo de Chalons e em Verdun, ha já bastante tempo, fizeram-se experiencias de tiro de sitio, nos quais se demonstrou que o aviador pode descobrir os objectivos.

Na guerra de Tripoli, um capitão italiano elevou-se em um aeroplano e pôde determinar a posição da artilharia turca e verificar a eficácia do fogo da sua bateria.

Isto demonstra a necessidade de dotar a artilharia com aeroplanos.

Experiencias de tiro contra aeroplanos. — No campo de Chalons fizeram-se experiencias de tiro contra alvos, representando aeroplanos com o fim de conhecer a sua eficácia.

Para representar os aeroplanos elevava-se a 200m de altura um papagaio que era arrastado por um automovel, marchando com uma velocidade de 60kl. por hora.

Fizeram fogo sobre um alvo duas secções de infantaria de 50 soldados á distancia de 800m e 900m, disparando 9 tiros cada soldado.

O alvo tinha 7m de comprido e apenas foi tocado por 12 balas, ou seja 1,3 por cento.

Noutra experiencia este numero diminuiu a 1,2 por cento contra um alvo de dimensões menores.

Tambem se fizeram experiencias com metralhadoras, mas os rezultados não foram satisfatorios.

Nova organização dos sfahis. — Em virtude de um decreto recente, foi auctorizado o Ministro da guerra, para proceder á criação de 8 esquadrões de sfahis: um no 1.º, cinco no 2.º, um no 3.º e um no 4.º regimento; á criação de um estado maior de regimento que ficaria com o n.º 5.º; a constituição do 2.º e 5.º regimentos de sfahis á razão de 5 esquadrões por corpo.

As unidades assim constituidas, teriam a composição fixada pelo quadro n.º 2, anexo á lei de 31 de março de 1913.

Nova organização dos «goums» e tropas «maghzen» do norte da Africa. — O Ministro da guerra aprovou uma nova instrucão sobre os «meghzens» e «goums» da Argelia, cujas disposições a seguir resumimos:

Organização geral. — O «maghzen» é uma força suplementar organizada com o caracter de permanente. A maior parte dos «maghzens» servem sem

interrupção; todavia, alguns deles, embora organizados a todo o tempo, não são convocados senão em caso de necessidade.

O «goum» é uma força suplementar indigena, recrutada temporariamente nas tribus, com o fim de tomar parte em uma determinada operação.

Os quadros dos «maghzen» e o dos «goums» são formados por oficiais indigenas ou de companhias do Sahará e por comandantes de grupos indigenas.

Tanto uns como os outros são equipados e montados por sua conta.

Formação dos «maghzens» e dos goums». — Os efectivos dos primeiros, são fixados anualmente pelo Ministro da guerra.

Os «maghzens» não permanentes, são convocados: 1.º—Por ordem do Governador geral da Argelia, que préviamente consultará o general comandante do 19.º corpo de exercito. 2.º—Em caso de urgencia e por ordem dos chefes do territorio, para responder a um ataque, a um golpe de mão, ou para escoltar os comboios.

Vencimentos e rações. — Os «maghzens» e os «goums» têem direito a um vencimento diario variavel, segundo os postos de que dependam ou de serem ou não chefes de grupo.

Este vencimento, consideravelmente aumentado pela nova instrução, é de 3, 4 e 5 francos pelos chefes de «goum» ou de «maghzen», e de 2,4 a 3,5 francos para os «goums» e «maghzens a cavalo».

Os «goums» recrutados na Argelia e Tunis e empregados em Marrocos, percebem diariamente: os chefes de «goum», 4 francos; os «goums», 2 francos; além disso, têem direito, a título gratuito, aos viveres necessarios para a alimentação das praças e do gado, recebendo por dia as quantidades seguintes: Viveres: farinha, 700 gramas; sal, 12 gramas; açucar, 21 gramas; café, 16 gramas; forragens: cevada, 5 kilos por cavalo e 2 kilos por camelo.

Indemnisações. — Qualquer «maghzen» ou «goum» que fique impossibilitado em resultado de ferimentos obtidos em serviço, receberá, a título de reparação pecuniaria, uma quantia que será paga por uma só vez.

Qualquer «maghzen» ou «goum» morto em serviço, lega aos herdeiros de que era amparo, o direito a uma indemnização, consistindo em uma quantia paga por uma só vez.

Novo modêlo de canhão. — O *Journal des sciences militaires* de 1 de agosto último, traz a noticia de que em 22 de julho, se realizaram, no poligono de Hoc, experiencias com um novo canhão de 430mm, pesando 24 toneladas.

Missões de oficiais belgas e italianos, assistiram a estes ensaios.

Inglaterra

Defeza contra os ataques de aeroplanos e dirigiveis. — O sr. Luiz Jackson, coronel de engenheiros do exercito inglês, pronunciou em fins d'abril último no *The Royal United Service Institution,* uma interessante conferencia, relacionada com os elementos de que na atualidade pode dispôr-se para proteger contra os ataques de aeroplanos e dirigiveis, pontos tão vulneraveis como baterias de costa, arsenais, armazens, fábricas de munições, depósitos de combustíveis, estações radiotelegráficas, etc.

Depreende-se, do que manifestou o coronel Jackson, que os únicos elementos utilizaveis são: a *defensa ofensiva* executada por meio de dirigiveis, aeroplanos e canhões especiais; a *proteção,* construindo para isso, quando seja possivel, locais á prova de bomba, ou instalando rêdes protetoras, para evitar que os projecteis façam explosão na proximidade do ponto atacado; e a *ocultação* completa ou parcial, sendo uma das formas desta ultima a dispersão, como podesse fazer-se, por exemplo, armazenando em diversos países pequenos as materias explosivas em outro de grandes dimensões.

Uma das consequencias deduzidas da discussão a que deu origem a dita conferencia, foi a possibilidade de que as flotilhas aereas alemãs atacassem Londres, produzindo portanto o pânico na capital.

Contra esta possibilidade argumentou o professor Holland, que o art. 25.º da Convenção de Haya de 1907, diz textualmente: «É proibido o bombardeamento por qualquer modo de povoados, cidades, habitações ou edificios que *não estejam defendidos*», e achando-se Londres neste caso, o seu ataque por flotilhas aereas seria ilegal; ao qual replicava o coronel Jackson, que a não existencia de fortificações não era suficiente para manifestar que uma povoação se achava indefeza; por outro lado, uma praça forte que, apezar das suas fortificações, se acha disposta a render-se á primeira intimação, não deve ser bombardeada, e por consequencia, ele entende que para a aplicação do mencionado art. 25.º, deve-se considerar que uma cidade *não está defendida* quando as suas autoridades e habitantes se acham dispostas a submeter-se, sem condições, á auctoridade inimiga. Londres não tem fortificações, mas nele reside a Côrte e o Governo, é o centro de todas as forças navais e militares da Inglaterra e sempre conterá com uma guarnição ainda que seja de territoriais, preparada para a defender, e claro é que não se pode admitir a rendição imediata; por outra parte o inimigo ha-de ter em conta que se consegue vibrar um golpe sobre Londres, afectará a vida nacional do país de um modo mais efectivo do que contra qualquer outra capital do mundo. E, aproposito deste assunto, convém observar que no mesmo local onde o coronel Jackson pronunciou a sua notavel conferencia, discutiu-se poucos dias antes, um têma relacionado com as leis internacionais em tempo de guerra, e o conde de For tescure, que presidia á sessão, ao resumil-a, disse: «Considero muí provável que se se tratasse de uma guerra entre Espanha e Portugal, e se um dos beligerantes não observasse os preceitos das leis internacionaio, outras nações lhes fariam notar o seu desagrado; mas, se isso mesmo ocorresse em uma luta entre a França e a Alemanha, ignoro quem estaria em condições de chamar á ordem o culpado, e muito menos, quem seria capaz de lhe impôr as penalidades correspondentes».

Em resumo, o ataque a Londres por uma flotilha de aeroplanos alemães não tem sido considerada como operação facil, nem de efeitos muito para receiar; não se pode afirmar outro tanto, tratando-se de dirigiveis, cujos ataques a um ponto determinado, talvez se evitariam utilizando um ou mais dos meios defensivos acima expostos, mas tendo presente que em uma povoação tão extensa como a capital do Reino Unido, precisava empregar com parcimonia a *defeza-ofensiva,* porque se os fogos do defensor chegassem a inflamar o gaz armazenado no dirigivel inimigo, o aeronave caíria envolvido em

chamas, arrastando comsigo a carga que poderá ser de 3 ou 4 toneladas de materias explosivas ocasionando o desastre na capital.

Os territoriais do ano de 1913. — Segundo as publicações oficiais, as cifras que alcançam o efectivo do exercito territorial durante as concentrações que se efectuaram naquele ano, são as seguintes: Assistiram aos exercicios, 6:855 oficiais e 154:995 soldados, durante 15 dias, 1:014 oficiais e 66:366 soldados durante 8 dias e 47 oficiais e 314 soldados por menos de 8 dias, e deixaram de comparecer 1:325 oficiais e 27:331 soldados com auctorisação e 37 oficiais e 6:019 soldados sem ela.

Em relação aos algarismos previstos, ha um *deficit* de 2:000 oficiais e 50:000 soldados.

Novas metralhadoras. — A casa Vickers, construiu ha pouco para os diferentes Estados, um numero de metralhadoras não inferior a 1:000. Estas novas metralhadoras são mais ligeiras do que as antigas, em virtude de uma engenhosa disposição que aumenta a duração do fogo.

Nas ultimas experiencias dispararam-se 180:000 cartuchos, dos quais 30:378 com a mesma peça. O pêso total da metralhadora não chega a 30kg.

Italia

Composição da junta de defeza nacional e do conselho do exercito. — Ambas estas entidades se instituiram pelo art. 1.º da lei de 17 de julho de 1910, e a sua composição fixou-se por decreto de 9 de abril ultimo.

A primeira denomina-se *comissão mixta superior para a defeza do país,* e têm por missão resolver, desde o tempo de paz, as mais importantes questões que se relacionem com a defeza nacional.

É constituida pelo Presidente do Conselho de ministros, ministros da guerra e marinha, generais de exercito, chefe do estado maior de exercito, os comandantes de exercito que se designem, os almirantes, o chefe de estado maior da marinha e os comandantes de esquadra que se designem.

A presidencia compete ao Presidente do Conselho de ministros e na sua ausencia ao ministro da guerra e ao da marinha.

São secretarios da comissão, o chefe de uma certa secção do Estado maior do exercito, o chefe de uma analoga do estado maior de marinha e um oficial do gabinete do chefe de Estado maior do exercito.

O *Couselho do exercito,* consta do Ministro da guerra como presidente; o sub-secretario da guerra, os generais de exercito, e como vogais permanentes, figuram o chefe do Estado maior do exercito e os generais designados para comandar exercitos em campanha.

Eventualmente podem fazer parte do conselho os Inspectores gerais das diversas armas e serviços, quando a natureza das questões tratadas, possam tornar necessario o seu concurso nas deliberações.

Modificações nos projecteis para aeroplanos. — Em resultado das experiencias na campanha de Tripoli, foi aumentado o pêso dos projecteis destinados a serem lançados pelos aviadores, tendo passado de 1kg. a 5kg. e 8kg., para terminar em 10kg., atualmente em experiencia. Este novo projectil é de

forma cilindrica limitado por uma meia esfera macissa, com o fim de manter o seu centro de gravidade muito avançado. A carga é de ácido picrico, sendo envolvida em trotil, em cuja massa estão dispostas as balas.

As espoletas de percussão não deram bons resultados, porque se vê o aviador obrigado a elevar-se a grandes alturas para evitar o fogo inimigo; os projecteis, ao caír, penetram muito no terreno e produzem poucos efeitos. Por esta razão se estão construindo projecteis munidos de espoletas de tempos. Uma destas, com duração de 15 segundos, que corresponde a uns 1:000^{m} de altura, parece que não produz grande efeito, em vista do que se está fabricando outra com o fim de obter sempre a explosão a distancias de 20^{m} acima do sólo, independentemente da altura a que seja lançada.

Vigilancia das redes telefonicas nas praças fortes. — Em cada regimento de artilharia de praça, foi criado um pessoal especial encarregado da instalação e vigilancia das linhas e aparelhos telefonicos dependentes do serviço da artilharia nas praças fortes e nos parques. Este pessoal é constituido pelos chefes guarda fios em serviço permanente e por guarda-fios escolhidos entre as praças do exercito activo e voluntarios que tenham feito um periodo de instrução militar de 4 mêses e haver assistido a um curso especial.

Em caso de mobilização será completado o pessoal com as praças licenciadas que tenham exercido essas funções.

Novo crédito extraordinario. — Foi concedido ao governo um novo crédito extraordinario de 194 milhões de liras, que serão distribuidos pela forma seguinte:

Espingardas e metralhadoras, 21 milhões.
Mobilização, 41 ditos.
Artilharia de campanha, 15 ditos.
Idem de praça, 40 ditos.
Fortificações, 36 ditos.
Companhias de instrução, 30 ditos.
Remontas, 1 dito.
Varios, 10 ditos.

Medicos e veterinarios de reserva. — A *Gazzeta Uff* de 26 de dezembro de 1913, publicou o seguinte decreto do Ministerio da Guerra: «Os soldados de 1.ª categoria e voluntarios de um ano que têem cursado os estudos de medicina ou veterinaria, serão nomiados 2.os tenentes de reserva de saude e veterinaria e passarão a frequentar um curso técnico de 4 mêses, apoz o qual serão destinados a prestar serviço nos corpos, durante 14 e 8 mêses, conforme sejam de 1.ª tcaegoria ou voluntarios de um ano.

«Aqueles que, ao terminar o curso técnico não obtenham nas provas resultado satisfatorio, deverão repeti-los 3 mêses depois, reservando-se o Estado o direito de prolongar o seu tempo de serviço por um prazo análogo».

Admissão nas Escolas militares. — O numero de alúnos aspirantes a oficiais que tiveram ingresso nestas escolas no ano létivo de 1914-1915, foi o seguinte:

Para infantaria 175

Para cavalaria.	30
» artilharia	75
» engenharia.	25

Efectivos. — Os que figuram no orçamento para 1914-1915, elevam-se a 275.000 homens, não compreendendo as tropas da Lybia. Comparado com o do ano anterior admite um aumento de 25.000 homens.

Este suplemento de efectivo servirá para reforçar as unidades que contarão assim com o seguinte numero de homens:

Companhias de infantaria.	76
» de alpinos.	150
Esquadrão	165
Bateria de campanha	100
» de montanha	150

São creados 18 nucleos de milicia movel de infantaria de linha e 3 de alpinos, alem dos 75 de 1.ª classe (com 90 homens) e 23 de 2.ª (com 30) que já existem.

Japão

Despesas das guerras de 1894 a 1904. — O governo declarou ao Parlamento a quantia das despesas ocasionadas pelas ultimas guerras. Segundo essas declarações, na guerra chino-japonêsa que durou 283 dias, de 1 de agosto de 1894 a 10 de maio de 1895, as despesas chamadas extraordinarias elevam-se a 48:592.547 francos e o total das despesas, nos exercitos de mar e terra, foi alem de 83:875.000 francos.

Os navios de guerra empregados apresentaram uma totalidade de 62.812 toneladas, e o seu gasto, por tonelada e por dia em media de 2,73 francos.

Na guerra russo-japonêsa, que durou 614 dias, ou seja desde 10 de fevereiro de 1904 a 16 de outubro de 1905, as despesas extraordinarias elevaram-se a 253:291.772 francos e o total das despesas foi alem de 562:875.000 francos.

Os navios empregados representavam um total de 283.196 toneladas e as despesas por tonelada e por dia foram de 1,45 francos.

Ao tornarem-se publicas estas estatisticas, o governo fez notar que não estão nelas incluidas as despesas e o custo dos navios perdidos.

Noruega

Regras relativas ás invenções uteis para o exercito. — O departamento de Defesa nacional acaba de publicar um regulamento pelo qual os militares que realisassem invenções de utilidade para o exercito, sejam obrigados a po-las á disposição das autoridades militares. Por conseguinte, é-lhes proibida a publicação sem a autorisação do departamento da Defesa nacional.

As indemnisações eventuais, assim como a autorisação para analisar as invenções fóra do exercito, são concedidas pelo Ministro ou pelo Parlamento.

As invenções feitas fóra do serviço devem igualmente ser postas á disposição da Defesa nacional, em troca de uma indemnisação a fixar pelo Ministro á proposta dos estabelecimentos interessados.

Todos os militares, finalmente, autores de invenções que interessem á Defesa nacional são obrigados a não as publicar sem que a Defesa nacional tenha ocasião de as conhecer.

Tiro obrigatorio para os reservistas. — Em harmonia com a resolução do Storting, pretende-se tornar obrigatorio o tiro para os reservistas que não tomaram parte nos exercicios anuais; o departamento da defesa nacional acaba de resolver, a titulo de experiencia, que aos milicianos de 1910 se lhes permita gastar este ano nas sociedades de tiro patrocinadas pelo Estado e segundo os métodos regulamentares, 30 cartuchos, dos quais 15 serão feitos á distancia de 300^{m} e os outros 15 á de 400^{m}.

Russia

Metralhadoras. — Em cada regimento de infantaria foi organisado um grupo de metralhadoras com duas secções a duas peças.

Estes grupos são comandados por capitães e as praças receberão primeiramente a instrução tactica na sua companhia.

Cada regimento de cavalaria (a 6 esquadrões) possue um destacamento de 3 secções, com duas peças cada uma.

Os regimentos de cossacos, que ainda os não possuem, serão em breve dotados com este material.

Novo biplano Sokorsky. — O aviador russo Sokorsky, inventor do gigantesco biplano que tomou o seu nome, construiu um novo aparelho, com o qual efectuou varios vôos com passageiros.

As dimensões deste aparelho são as seguintes: largura das alas 37^{m}; comprimento 20^{m}; superficie 182^{m2}, peso 3.500 kg. Leva 2 motores Argus de 100 HP.

Creação e ampliação de remontas. — Com o fim de dotar a cavalaria e a artilharia com bons cavalos, foi decidida a creação de uma remonta na provincia de Honhan e a ampliação da de Ekaterineslaw.

Organização do serviço de abastecimento. — O serviço de viveres foi organizado de um modo especial e curioso. Segundo ele, em tempo de guerra as tropas serão abastecidas com carne fresca, procedente de rebanhos que a Intendencia militar de cada distrito se encarregará de organisar em caso de mobilização.

Cada rebanho será formado de 250 a 300 cabeças de gado, ou quando se tratar de carneiros ou porcos na proporção de 6 dos primeiros ou 4 dos segundos para cada cabeça de gado vacum.

Será organisado um rebanho de campanha para corpo de exercito, outro de fortaleza para cada fortaleza e rebanhos de reserva do numero de cabeças necessario para cada corpo de exercito.

Cada um desses rebanhos será cuidadosamente vigiado e conduzido por 34 homens, não combatentes, sob as ordens de um oficial.

As idades do gado oscilarão entre 2 a 12 anos, não podendo obriga-lo a percorrer mais de 14 milhas por dia.

Com esta organização, a carne poderá ser servida ás tropas convenientemente viva, recem-morta ou em conserva (processo Morgan) segundo as circunstancias.

O efectivo desses rebanhos será mantido diariamente mediante requisição local ou nutrindo-se dos rebanhos de reserva, os quais devem contar pelo menos com 2 dias de carne para todo o exercito.

Emprego dos projectores electricos. — Na guerra russo-japonêsa foi posto em evidencia os serviços que podem prestar os projectores electricos, e em vista disto efectuaram-se numerosas experiencias para deduzir as regras praticas a que ha de sujeitar-se o emprego de tais aparelhos.

Foi decidido em primeiro lugar que o modelo de projector mais apropriado para a artilharia seja o de 75^{cm}, para infantaria o de 55^{cm}, e o de sapadores de 60 e 75 cm.

Embora não tenha sido publicado o regulamento oficial para o manejo dos projectores, o comandante militar de Varsovia expediu uma circular que contem indicações muito interessantes.

A distancia a que se pode observar com os projectores, ou seja o alcance eficás destes, depende em grande parte da configuração do terreno.

Em condições favoraveis podem distinguir-se forças isoladas a 2.500^{m}; se são tropas reunidas com intervalos cerrados podem distinguir-se a maior distancia. Os edificios são visiveis a 10 kl.

Os objectos de côr clara bem iluminados destacam-se em relevo sobre fundo escuro e parece que estão mais proximos do observador do que realmente estão. Pelo contrario, os objectos escuros, como as arvores, absorvem muita luz e parecem mais distantes.

Algumas côres alteram-se pela acção dos raios luminosos. As tropas com uniformes claros e escuros descobrem-se facilmente; os que têm uniforme de côr cinzenta com dificuldade são visiveis. O uniforme de campanha, com o verde claro, côr pouco visivel durante o dia, é-o muito á luz dos projectores, parecendo quasi branco.

O numero de projectores necessarios em uma posição ocupada por tropas depende da natureza do terreno; mas em condições normais deve colocar-se um projector por 1 a 3 ql. de frente.

Os projectores não devem iluminar o inimigo de uma maneira continua, mas por intermitencias, pois essas alternativas frequentes de luz e obscuridade é o que contraria mais o avanço das tropas.

Na defesa é quando mais se utilisa o projector. Este impede os ataques noturnos por surpresa, obrigando o assaltante a adoptar de noite as mesmas formações que durante o dia para aproveitar todos os acidentes do terreno.

Os projectores constituem um alvo muito dificil para dirigir o fogo sobre eles.

Se o inimigo não dispozer de artilharia pode-se emprega-los sem perigo, pois dentro do alcance das espingardas não é facil atirar sobre os projectores, porque não se póde determinar a distancia a que estes se encontram e alem disso pela impressão que produz á vista o foco luminoso, que deslumbra os atiradores, impedindo de dirigir pontaria sobre eles.

O fogo de artilharia, perigoso para os projectores, obriga a estes a variar

de posição ou interceptar por certo tempo o foco luminoso, sendo o mais conveniente o emprego de diafragmas, que faz crêr ao inimigo que o projector retrocedeu da linha que primeiramente ocupava.

II

PARTE MARITIMA

A GUERRA NO MAR

Canhoneira torpedeira inglêsa *Niger*, afundada por um submarino alemão, perto de Deal.

Esta canhoneira-torpedeira de 810 toneladas, construida em 1892, empregada em serviço de vigilancia, foi torpedada e afundada por um submarino alemão, tendo-se salvo todos os seus oficiais e 77 tripulantes. O seu comandante era o Lieutenant-commander Arthur T. Muir.

*

As perdas dos cruzadores alemães *Emden* e *Koenisberg*.

O cruzador alemão *Emden*, foi encalhado e queimado pelo cruzador inglês da marinha australiana *Sidney*, quando estava destruindo a estação de telegrafia sem fios da ilha Cocos Keeling no Oceano Indico.

Por um grafico do *Daily Graphic*, vê-se que o *Emden* partiu de Kiao-Chau (China), passando pelo estreito de Singpura se dirigiu para a Baía de Bengala, onde de 10 a 16 de setembro meteu no fundo 6 vapores ingleses, navegou depois em direcção a Madrasta, que bombardeou em 22 de setembro, seguiu depois para o sul de Ceylão, onde de 23 a 29, afundou 4 navios e aprizionou 1, seguiu depois para as ilhas Laquedivas e Maldivas onde de 15 a 19 d'outubro, afundou 5 navios e aprizionou 1, retrocedeu depois para o Oceano Indico, metendo ao Estreito de Sumatra e aportando a Penang em 28 de outubro afundou o cruzador russo e o destroyer francês, seguindo depois pela Costa Ocidental de Sumatra, dirigiu-se á ilha de Cocos Keeling, onde estava destruindo a estação de telegrafia sem fios, quando foi atacado pelo cruzador inglês *Sidney*, que o obrigou a encalhar e onde foi queimado.

Ao norte da ilha de Sumatra, o cruzador inglês *Yarmouth*, capturou dois vapores carvoeiros que iam abastecer o *Emden*.

O comandante do *Emden* era o captain von Muller e o do *Sidney* o captain John C. I. Glossop.

O cruzador alemão *Koenisberg* foi engarrafado no rio Rufigi, na Costa d'Africa alemã, pelo cruzador inglês *Chatham*, comandante Drury-Lowe, de 5:400 toneladas, concluido em 1912, de 25 milhas de velocidade e artilhado com 8 peças de 6 polegadas.

O *Koenisberg* que tinha em 19 de setembro atacado o cruzador inglês *Pegesus*, era um cruzador ligeiro de 3:400 toneladas e tinha 24 milhas de velocidade.

O total dos navios aliados capturados pelo *Emden*, foi de 23, dos quais

17 franceses afundados, 2 foram postos em liberdade voluntariamente (um por causa de ter uma senhora a bordo), um foi libertado pelo *Yarmouth*, desconhecendo-se o destino de outros três. A tonelagem total dos afundados foi de 70:000 toneladas, avaliado em um milhão sterlino.

*

O comandante do *Emden* e o principe Franz Josef of Hohenzollern foram ambos feitos prisioneiros e não foram feridos.

As perdas do *Emden* parece ser de 200 mortos e 30 feridos. O Almirantado inglês, deu instruções para que fôssem conferidas todas as honras de guerra aos sobreviventes e que o comandante e oficiais não fôssem privados das suas espadas.

O *Emden* perdeu duas das suas chaminés, e esteve ardendo durante uma hora antes de se afundar.

As perdas do *Sydney* foram 3 mortos e 15 feridos.

*

O combate naval no Pacifico.

Consta que este combate naval se deu em 1 de novembro, na costa do Chili, entre os cruzadores alemães *Scharnhorst, Gueisenan, Leipzig* e *Dresden* e os cruzadores ingleses *Good Hope, Monmoulh, Glasgow* e o cruzador auxiliar *Otranto*. Durante o combate apareceu o *Nuremberg*.

O fogo rompeu a grande distancia e o mar estava agitado. A artilharia dos navios ingleses foi apagada depois de 52 minutos e o fogo cessou ao pôr do sol.

O fogo alemão causou uma grande explosão no *Good Hope*, que seriamente avariado, desapareceu na escuridão, mas sendo visto ou descoberto pelo *Nuremberg* este abriu novamente fogo contra ele. O *Good Hope* então afundou-se. O *Glasgow* que parecia pouco avariado, poude escapar-se.

O cruzador auxiliar não tomou parte no combate. Os navios alemães dizem que pouco sofreram. Esta noticia é de origem alemã, por telegrama de Amsterdam e extraído do *Daily Graphic*.

*

Os navios afundados pelos japoneses em Tsingtao (China alemã), foram o cruzador austriaco, *Kaiserin Elizabeth*, as canhoneiras alemãs *Itis, Jaguar, Luchs, Tiger, Cormoran*, o destroier *Taku* e o porta-minas *Ruchin*.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

1 Bonnal (général H.). *La Vie militaire du maréchal Ney*, duc d'Elchingen, prince de la Moscova. In-8, 567 p. avec portrait, carte et fac similés d'autographes. (29 mai) 1914. M. Imhaus et R.-Chapelot.

2 Percin (général), ancien membre du conseil supérieur de la guerre. *Le Combat;* In-16, II-306 p. et 1 carte. Paul Herissey. Paris Fr. 3,50
Nouvelle Collection scientifique. Directeur : Emile Borel.

3 Rovigo (duc de). *Correspondance du duc de Rovigo, commandant en chef le corps d'occupation d'Afrique (1831-1833).* T. 1er : Lettres du duc de Rovigo (29 octobre 1831 — 31 juillet 1832) ; par Gabriel Esquer, archiviste bibliothécaire du gouvernement général de l'Algerie. In-8, VI-694 p. Jourdan. Alger.
Gouvernement général de l'Algérie. Collection de documents inédits sur l'histoire de l'Algérie après 1830 Première série. Correspondance générale, 1.

4 Vital-Cartier. *Un méconnu. Le général Trochu, 1815-1896*, d'après des documents inédits. Petit in-8, IV-404 p. avec grav. et deux portraits hors texte. 1914. Perrin et Cie. Paris.

5 Penennrun (A. de). breveté d'état-major. *La Guerre des Balkans en 1912.* Campagne de Thrace. Avec 13 croquis, 7 gravures et 1 carte en couleurs. Première partie. *5e edition.* In-8, 143 p. 1914. H. Charles-Lavauzelle. Paris.

6 Caresme (lieutenant L.). *Bonaparte, lieutenant en second;* Avec 4 planches hors texte et 5 croquis. In 8, 65 p. Berger Levrault. Paris. 1914.
Extrait de la «Revue militaire générale».

7 Lefebre de Béhaine (commandant). *La Campagne de France. Napoléon et les alliés sur le Rhin;* In-8, XVII-568 p. Perrin et Cie 1913. Paris.

8 Beauchat (commandant) ancien officier d'instruction à l'Ecole de cavalerie, ancien instructeur du 38e régiment d'artillerie, ancien commandant de batteries montées et à cheval aux 38e et 37e régiments. *La France militaire moderne* (service de dix-huit mois) ; In-8, 85 p. impr. C. Renaudie. Edition et librairie, 40, rue de Seine. Paris. (2 mai) 1914 Fr. 2

9 Cissey (colonel de). *La Cavalerie dans le groupe d'armées, l'armée et le corps d'armée.* In-8, 271 p. (10 juin) 1914. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris Fr. 4

10 Waddington (R.). *La Guerre de Sept ans.* Histoire diplomatique et militaire T. 5 : Pondichéry, Villinghausen, Schweidnitz. (Ouvrage couronné par l'Institut). (S. M.). In-8, 451 p. et cartes et plans. Firmin-Didot et C ie Paris.

11 Gaffarel (P.). *Les Campagnes de la première République;* Illustré de 66 gravures et 9 cartes. 10e *édition.* Grand in 8, 352 p. Hachette et Cie Paris. 1914.

12 La Raillière (capitaine de). *Manuel des candidats au brevet d'aptitude militaire.* In-12, 233 p. avec 260 gravures dans le texte. 9e *édition.* 1914. H. Charles-Lavauzelle. Paris.

Inglaterra

1 *Governement Publications :*
Military. *Instructions for Practice.* Horse, Field and Heavy Artillery, 1914 6*d*

— *Regulations governing the formation*, &c., of Cadet Units in the British Isles, 1914 1*d*

— *A Course of Practical Chemistry, Quantitative and Qualitative*, 1914 5/

— *Exam. Papers*. Army Entrance. 1. Royal Military Academy, Woolwich; 2. Royal Military College, Sandhurst; 3. Qualifying Test for Commissions. November and December, 1913 1/

— *2.95-inch* Q.F. Gun. Section Gun Drill, 1914 1*d*

— *Works Manual (War)*. Appendix I. (issued with Army Orders 1, 3, 14) 1*d*

ADMIRALTY. *Supplement* (2), 1914, relating to the Black Sea Pilot, Sixth Edition, 1908 (Corrected to 15th January, 1914). *Gratis to Purchasers of Black Sea Pilot.*

— *Nautical Almanach* for 1916. Complete 2/6

2 BROWNE (G. W.) *How to Teach Signalling*. 16mo, swd. *Fuller Hart* net 6*d*

2 FLEMING (J. S.) *The Town Wall Fortifications of Ireland. Illustrated* 4to, pp. 00. *A. Gardner.* net 5/

4 FOOT (P. B.) *Training of the Territorial Scout*. 16mo. pp. 160. limp. *Gale & Polden* net 1/6

5 HUMPHRY (A. P.) and Freemantle (Hon. T. T.) *History of the National Rifle Association during its First Fifty Years*, 1859 to 1909. Cr 8vo, pp. 504. *Bowes & Bowes* net 5/

6 LUTZOW (Count) *The Hussite Wars*. 8vo, pp. 398. *Dent.* net 12/6

7 NAVAL *Pocket Book* (The) Founded by Sir W. Laird Clowes. 16mo. *Thacker* net 7/6

8 *Call to Arms*. A. A Speech by the Prime Minister at the Guildhall, Sept. 4. 1914. Authorised ed. Revised by Mr Asquith. Cr. 8vo, swd, pp. 8. *Methuen* 1*d*

9 DOYLE (Sir Arthur Conan) *To Arms*. 8vo, swd. *Hoddler & S.* 1*d*

10 *How Armies Fight*. By «Ubique». Formerly entitled «Modern Warfare». Maps, diagrams and illustrations. Cr. 8vo, bds, pp. 490. *Nelson* net 1/

11 *My Diary of the Great War*. 2nd ed. Cr. 8vo, swd. *Pike Bros* net 1/

12 *Navies of the World*, 1914. Oblong. Cr. 8vo, swd. *Simpkin* 6*d*

13 POWELL (Lt.-Gen. Sir Robert Baden-) *Quick Training for War*. A few practical suggestions. Illustrated by Diagrams. Square 16mo. pp. 102. *H. Jenkins* net 1/

14 PAGE (Arthur) *War and Alien Enemies*. The Law affecting their Personal and Trading Rights and Herein of Contraband of War and the Capture of Prizes at Sea. Cr. 8vo, pp. 108. *Stevens & Sons* net 5/

15 BAYNE'S Carriage by Sea. *Butterworth* net 6/

16 *A B C Guide to the Great War*. Compiled by Edmund B. D'Auvergne. Cr. 8vo, swd, pp 52. *T. W. Laurie* net 1/

17 COOPER (John Spencer) *Rough Notes of Seven Campaigns in Portugal, Spain, France and America* during the years 1809-10-11-12 13-14-15 Portrait. 18mo, pp. vii — 160. *G & I. Coward* (Carlisle) 2/

18 JANE (Fred T.) *Fighting Ships*, 1914. (17th year of issue). Folio, pp. 504. *S Low* net 21/

19 *Daily Chronicle New Sectional War Map of Europe. Office* net 6*d*; on cloth, net 1/6

20 *Daily Mail General War Map of Europe*. 2nd ed. *G. Philip & Son* net 6*d*

21 *Daily Mail Large-Scale Military Maps* No. 1. The Franco-Belgian and German Frontiers. Scale 12 miles to 1in.: No. 2. Austro German and Russian Frontiers. Scale 24 miles to 1in.; No. 3. Franco Belgian Theatre of War. Scale 12 miles to 1in. *Simpkin* each net 3*d*

22 *Daily Telegraph War Map* (The) No. 3. The Naval Fighting Areas. on linen. *Geographia* net 2/6

23 ATTERIDGE (A. Hilliard) *The First Phase of the Great War*. Illustrated («Graphic» Extras). Imp. 8vo, pp. 244, canvas. *Hodder & S.* net

24 BECKE (A. F.) *Napoleon and Waterloo:* The Emperor's Campaign with the Armée du Nord, 1815. A Strategetical and Tactical Study. 2 vols. 8vo, pp. 378, 344. *K. Paul* net 25/

25 BROCK (A. Clutton-) *Thoughts on the War.* From the Times Literary Supplement. 12mo, swd., pp. 94. *Methuen* net 1/

26 FOSTER (Hubert) *War and the Empire, the Principles of Imperial Defence.* Cr. 8vo, pp. 264. *Williams & Norgate* net 2/6

27 FULLER (J. F. C.) *Training Soldiers for War.* 12mo, pp. 134. *H. Rees* net 2/

28 *Great Battles of the Great War* (The) 8vo, pp. 186. *Hodder & Stoughton* swd., net 1/; 1/6

29 *In the Trail of the German Army.* Illustrated with special photographs. 4to, swd. «*Daily Chronicle*» net 1/

30 KNOX (Marcus) *The Silent Baltic;* or, Detained near Kiel. Cr. 8vo, swd, pp. 64. «*Academy Architecture*» net 6*d*

31 MCCABE (Joseph) *Treitschke and the Great War.* Cr. 8vo, pp. 288 *Unwin* net 2/

32 MAGNUS (L.) *The Third Great War, in Relation to Modern History.* 8vo, swd., pp 176. *Arrowsmith* net 1/

33 *Manual of Drill and Camping,* for the St. John Ambulance Brigade. 16mo, swd. *St. John Ambulance Association* net 5*d*

34 *Navy and Army Illustrated.* Vol. 1. New series. Folio. *Newnes* net 6/

35 POWELL (E. Alexander) *Fighting in Flanders.* Cr. 8vo, pp. 252. *Heinemann* net 3/6

36 QUEUX (Wm. Le) *The War of the Nations:* A History of the Great European Conflict. Vol. 1. Folio. *Newnes* net 5/

37 WYNDHAM (Horace) *Following the Drum.* Re-issue. 8vo, pp. 314. *A. Melrose* net 26/

II — PERIODICOS

Portugal

1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 10 de outubro de 1914. Os ensinamentos navais da atual conflagração e a nossa defesa maritima. Unidades mecânicas. Sua consideração no magnetismo terrestre. Ilhas Açôres. A velocidade dos navios de guerra. Tabuas de Fues. Cruzadores de combate e esclarecedores de esquadra Os acontecimentos navais da atual conflagração.

2 *O Instituto*, n.º 10 de outubro de 1914. Memorias de Carnide. Juizes!... Memorias arqueológico-históricas do distrito de Bragança. O Fausto de Gœthe. Artes e Industrias metálicas em Portugal — Relojoaria.

3 *Revista aeronautica*, n.º 2 de abril e junho de 1914. O grande raid aereo de 1915. Creação da Escola de aeronautica militar. Comissão de aeronautica militar. Aeronautica em Portugal.

4 *Revista de artilharia*, n.º 124 de outubro de 1914. Combustão da polvora a volume constante. A defesa dos pontos de apoio estrategicos do Atlantico. A instrução das unidades de artilharia da defesa terrestre de Lisboa.

5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 152 de outubro de 1914. O X congresso veterinario internacional. Le contrôle du lait et de ses dérivés en Portugal — Le beurre à margarine apparente. A cirurgia em medicina veterinaria.

Alemanha

1 *Artilleristiche Monatshefte*, n.º 93 de setembro de 1914. Entwickelung der deutschen und franzosischen Feldartillerie in den letzten 20 Jahren. Schwere Artillerie des Feldheeres bei uns in Frankreich. Die Fe-

nerwaffen in den Kriegen 1864, 1866 und 1870-71 (Fortsetzung). Versuche mit Kraftwagen in Frankreich.

Argentina

1 *Revista militar*, n.º 261 de outubro de 1914. Puentes militares. Recompensas de tiro. Oficiales de reserva Condiciones a que debe responder um aeroplano Morane-Saulnier, tipo Parasal. Noticias oficiales.

Brazil

1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 4 de outubro de 1914. Notas editoriaes. 20 de setembro de 1835. Cousas militares. Neutralidade do Brazil quanto aos paizes conflagrados. Baterias altas de obuzeiros de costa. Projecto de lei de reorganisação da arma de engenharia. Os dias tragicos de Vera-Cruz Aeronautica militar. Algumas lições aos inferiores do meu esquadrão. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha.

2 *Revista maritima brazileira*, n.º 4 de outubro de 1914 A engenharia naval no Brazil e em outras marinhas. Corretores de alça de mira. Ensaios das polvoras progressivas. O trotyl. O tiro de torpedo a grande distancia O navio mercante armado.

Chile

1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Chile*, n.ºs de 1 de setembro e outubro de 1914. Cuestiones militares. Algunas observaciones sobre el Reglamento de Jimnasia para las armas montadas. Necessidad de dotar a las baterias de elementos para la ocupacion de posiciones dificiles. Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Informaciones sobre la guerra turco-balkanica. Las causas de las derrotas turcas. Caballete universal para puentes de circunstancias, modelo Hambock. Dos nuevos esplosivos — La tetranitrometilamilina i el nitruso de plomo. La artilleria de costa. Vuelve a depender del ejercito? Pasa totalmente a la marina? Punto de union que debe existir entre el ejercito i la armada. Reglamento de ejercicios i evoluciones para la artilleria de campaña. La caballeria en la esploracion i en el combate. El periodo de tiro del Regimiento de artilleria n.º 2 en Austria. El dibujo panoramico i su aplicación en la guerra.

Dominicana

1 *El provenir militar*. n.ºs 12 e 13 de junho e setembro de 1914. Los altos funccionarios del ejercito. Se impone el aumento de nuestras fuerzas armadas. Erradas tendencias y practicas que perjudicam. El militarismo y la politica. El secreto de los movimientos militares de las tropas. Excesso de confianza en la guerra. La Republica de Cuba y suas instituciones armadas. «No me saques sin razón ni me entres sin honor». Evitese el uso de prendas y armas no reglamentarias en los militares. Organización que se impone. Rol y empleo de la infanteria en el combate.

Espanha

1 *Estudios militares*, n.º 4 de outubro de 1914. Las nuevas tablas de tiro del fusil Mauser reglamentario con la bala P. D. Carlos Francisco de Honchain, Marqués de Croix, Capitán general de ejercito. El infante y el terreno. Táctica de huelgas. Los enlaces. Breve resumen de la campaña de Tracia.

2 *Memorial de artilleria*, n.º 4 de outubro de 1914. Comandancia general

de artilleria de la 1.ª Región — Preparación, desarrollo y juicio critico del ejercicio tactico de artilleria realizado el dia 29 de mayo de 1914. La cuestion de los calibres una vez más.

3 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º 10 de outubro de 1914. Telegrafia optica ligera — Nuevo material del regimiento de telegrafos. Las tropas y servicios de ingenieros en Marruecos. Los aviadores en la acción militar rumana de 1913. Necrologia. Crónica cientifica.

4 *Revista de caballeria*, n.º 148 de outubro de 1914. De nuestra instrucción. Experiencias sobre alimentación del ganado del arma de caballeria. Los problemas sobre el plano. Texto de la Memoria de las experiencias realizadas con la silla y equipo modelo de la Escuela de equitación militar. Reglamento francés del servicio en campaña. El nuevo equipo de gala. Tercer Depósito de caballos sementales. Consideraciones sobre el arma de caballeria.

5 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs 7 e 8 de 1 a 15 de outubro de 1914. Instrucción teórica de los oficiales y de los cadetes en general. Crise caballar. Seccion colonial en la Guinea española. La obra militar de la Revolución francesa. Preceptos y juicios de Napoleón sobre la caballeria.

Italia

1 *Rivista di cavalleria*, n.º 15 de outubro de 1914. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arme di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. La vertence cavalleresca. La operazioni della cavalleria russa del destacamento Stackelberg. Annotando «Waterloo (1815)». Il fuoco de cavallo. Caccia — Corse — Concorsi.

Perú

1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.ºs 15 a 17 de 15 e 31 de agosto e 15 de setembro de 1914. La guerra colonial. Selección medica de los contingentes. La guerra europea. Organización de la frontera alemana contra la Francia. Esploradores montados de infanteria en Francia. Sistema defensivo de la plaza fortificada de Amberes. El nuevo reglamento de tropas en campaña del ejercito francés. Ganado caballar de silla. Valor material de las armadas. Preparacion para la guerra. Artilleria. Fortificación permanente. La guerra europea. La guerra turco balkanica. Hipoteses de concentracción de los ejercitos francés y aleman. Francia y Alemania. Estadística de los gastos militares de las grandes potencias. Nuevo reglamento de tropas en campaña del ejercito francés. Organización de la frontera Alemania-Russia.

Uruguay

1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 126 de outubro de 1914. Notas de la Dirección. Notas de la guerra. Una acordada del Supremo Tribunal Militar. Paginas de Historia militar. Instrucción de caballeria. La guerra actual. Juego de guerra. Bosquejo de la campaña turco-balkanica 1912-15. El general Sheriden y la guerra de Secesión. Armamentos de aeronaves. Notas locales. Movimiento de Caja habido durante el mes de septiembre.

INDICE

Administração militar

	Pags.
A alimentação do soldado em campanha e nas escolas de repetição.	530
Serviços administrativos em campanha	770

Aparelhos e disposições diversas

Aeroplanos (Inglaterra)	623
Aeroplanos couraçados (França)	456
Alvos cinematograficos (Alemauha)	618
Aparelho para lançamento de granadas de mão (Dinamarca)	911
Aparelhos para aterrar aeroplanos e dirigiveis (França)	784
Automoveis electricos para transportes (Austria)	908
Cosinhas rodadas (Inglaterra)	705
Dirigiveis (Alemanha)	144
Emprego dos projectores electricos (Russia)	920
Faroes para a navegação aerea	630
Filtros de campanha (Alemanha)	59
Novo biplano Sokorsky (Russia)	919
Novo modelo de protector do ponto de mira	99
Tipos de aeroplanos (Inglaterra)	550
Trens automoveis (Alemanha)	59
Tubos de lançamento de torpedos do cruzador-couraçado «Kongo» (Japão)	228

Biografia, necrologia e bibliografia

Bibliografia	72, 153, 232, 313, 396, 471, 557, 631, 712, 791, 865 e 923
Necrologia	135
Obras oferecidas	137, 215, 294, 541, 699, 778 e 854

Colonias

A ocupação dos Dembos	680 e 752
Campanhas coloniais	81 e 594
Na Guiné portuguesa	401

Comunicações militares

A radio-telegrafia em Africa (Inglaterra)..... 148
Aeronautica (Alemanha)..... 299
» (Austria)..... 861
» (Espanha)..... 301
Aerostação (Dinamarca)..... 911
Aviação (Austria)..... 146
» (China)..... 454
» (Estados-Unidos)..... 704
» (Italia)..... 624
» (Japão)..... 707
» em Africa (França)..... 704
» » Tripoli..... 65
» militar (China)..... 910
» militar (Romania)..... 552
Aviadores lançadores de bombas (Inglaterra)..... 70
Ciclistas (França)..... 912
Circulação de aeronaves (Suissa)..... 553
Composição do conselho superior de aeronautica militar (França). 455
Concurso de observações para oficiais aviadores (Noruega)..... 552
» para selecção de aeroplanos (Italia)..... 707
Corpo de automobilistas voluntarios (Romania)..... 552
Criação de exploradores de infanteria montados (Austria)..... 908
Criação de uma comissão consultiva aeronautica (Italia)..... 458
Desenvolvimento do automobilismo (Alemanha)..... 299
Dirigiveis e telegrafia sem fios (Alemanha)..... 58
Estações de dirigiveis (Alemanha)..... 449
» para dirigiveis (Alemanha)..... 907
» radiotelegraficas (China)..... 146
» » de grande alcance (Italia)..... 552
Estado actual da aviação (Russia)..... 627
Evolução de aeronaves (França)..... 456
Flotilha aerea (Alemanha)..... 299
Importancia militar das estradas ordinarias nas operações de guerra. 581
O desenvolvimento da aeronautica naval na Inglaterra..... 69
O serviço radiotelegrafico na guerra (Italia)..... 706
Os automoveis nas colúnas de munições (França)..... 864
» » » » » » em carros automoveis (Alemanha)..... 860
Operações de radiotelegrafia (Alemanha)..... 907
Os dirigiveis em campanha (Italia)..... 222
Patrulhas de sinais opticos para as grandes unidades (Austria-Ungria)..... 547
Pessoal do corpo de aviação (Espanha)..... 62
Porta-voz (Austria)..... 861
Postos radio-telegraficos de campanha (Austria)..... 547

Radiotelegrafia — O posto francês de T. S. F. de Changae (China). 629
Rêde radio-telegrafica colonial (Italia)..... 551
Situação do automobilismo em 1913 (Alemanha)..... 859
Telefonia sem fios a 1:000 kilometros (Estados-Unidos)..... 912
Tropas de aviação (Italia)..... 552
» » projectores e de aerostação (Suecia)..... 461
» » telegrafos (Alemanha).. 451
Vigilancia das redes telefonicas nas praças fortes (Italia)... 65 e 917

Couraçados, crusadores, transportes, canhoneiras, etc.

Aquisição do couraçado «Rio de Janeiro» (Turquia)..... 230
As perdas no mar do Norte do cruzador «Pattfinder» e paquete «Runo» (Inglaterra)..... 709
Couraçado (Alemanha)..... 462
» (Brasil)..... 708
» (França)..... 709
» Furo (Japão)..... 556
» «Imperatriz Maria» (Russia)..... 72 e 467
» «Latorre» (Chili)..... 68
» «Melborough» (Inglaterra)..... 395 e 556
» «Pensylvania» (Estados-Unidos)..... 709
» «Rio de Janeiro».. 312
» rapido «Tige» (Inglaterra)..... 312
Couraçados (Alemanha)..... 309 e 554
» (Austria)..... 554
» novos (França)..... 310
Cruzador «Oleg» (Russia)..... 312
» «Muraieff Amurski» (Russia)..... 556
» couraçado «Hiel» (Japão)..... 71
» rapido «Cordelia»..... 466
Cruzadores (Alemanha)..... 226 e 708
Divisão dos navios escolas (França)..... 69
Dreadnoughts para a esquadra do mar Negro (Russia)..... 710
Esquadra do Atlantico (Estados-Unidos)..... 554
Exercito naval italiano..... 70
Exploradores (França) 555
Navios porta-minas «Cerbére e Pluton» (França)..... 68
Nova esquadra (Romania) 72
Novas construcções (Austria)..... 462
» » (Italia)..... 467
Novos couraçados armados (Italia) 710
O couraçado «Derflinger» (Alemanha)..... 225
« » «Texas» (Estados-Unidos)..... 309
O paquete «Britanie»..... 231
» trasatlantico «Aquitania» (Inglaterra)..... 468
Os grandes trasantlanticos..... 468
Progresso naval (Suecia)..... 711

Submersivel (Estados-Unidos) 708
Venda de couraçados (Grecia) 555
Viagem de circulação do cruzador «Nova Zelandia» (Inglaterra) ... 395

Equitação, remonta, etc.

Remonta 891
Creação e ampliação de remontas (Russia) 919
Importação e exportação de cavalos (Alemanha) 906
Recursos em gado cavalar (Alemanha) 859
Remonta e produção cavalar 192
Solipedes do exercito (França) 785
Toza de animais (Argentina) 701
Admissão de animais (Italia) 917

Escolas militares

Admissão nas escolas militares (Espanha) 620
Criação de um curso especial de instrucção do Instituto geografico militar (Italia) 459
Criação de uma Academia militar (China) 781
» » » escola de artilharia (Belgica) 547
» » » » tecnica de artilharia (Russia) 552
Curso de automobilismo para oficiais (Italia) 65
Curso de construções aeronauticas (Italia) 706
Curso de instrucção para generais nas Escolas de tiro de infantaria e artilharia de campanha (Alemanha) 58
Cursos de tiro (Espanha) 703
Escola central de tiro de artilharia de campanha (Italia) 458
» de artilharia d'Odessa (Russia) 223
» » aviação militar (Argentina) 300
» » » » (Chile) 454
» » cavalaria (Dinamarca) 782
» » tiro de infantaria (Alemanha) 448
» » superior de guerra (Peru) 394
Oficiais admitidos na Escola de guerra (Espanha) 61
Reorganisação da escola de guerra (Belgica) 217
» das escolas militares (Roumania) 306

Estatistica

A mortalidade na guerra (Estados balkanicos) 218
» população de Marrocos submetida ao protectorado francês 63
Anuario de 1912 (Alemanha) 546
As baixas da guerra balkanica (Bulgaria) 862
Balanço da guerra russo-japonesa (Japão) 459
Dados estatisticos dos aeroplanos (Inglaterra) 458

Despezas das guerras de 1894 e 1904 (Japão) 918
Despesas ocasionadas nas ultimas guerras (Japão) 305
Duração da instrução (Austria-Hungria) 145
Efectivo do exercito (Austria) 452
Efectivos (Inglaterra) 864
» (Italia) ..... 148 e 918
» das praças em Marrocos em 1913 (França) 863
» de paz da triplice aliança e da triplice «entente» 461
» do exercito (Japão) ..... 707 e 788
» totais do exercito (Alemanha) 450
Estatistica de automoveis (Alemanha) 145
» » espionagem (Alemanha) 58
Forças aeronauticas de diversas nações (Suissa) 629
» mobilisadas durante a guerra contra os turcos de 1911-12 (Italia) 785
Novo credito extraordinario (Italia) 917
Novos efectivos (Alemanha) 59
Os territoriais do ano de 1913 (Inglaterra) ..... 65 e 216
Oficiais de infantaria mortos em Africa (Espanha) 620
» matriculados na escola de linguas orientais de Berlim 300
Orçamento da marinha inglêsa 465
Trabalhos de fortificação (Dinamarca) 147

Fortificação, ataque e defeza de praças

A posição fortificada de Antuerpia (Belgica) 908
Construcção de um novo forte (Dinamarca) 912
Defeza das costas (Inglaterra) 550
Novas fortificações (Chile) 453
Novos fortes da fronteira de leste (Alemanha) 449
Praças fortes e campos de instrução (Alemanha) 451
Trabalhos de fortificação (Dinamarca) 147
Sintese da aplicação da fortificação na defeza dos Estados 267

Gimnastica e esgrima

A questão gimnastica e sua resolução nos exercitos .. 481, 561 e 641
Escola de gimnastica (Dinamarca) 611

Higiene medicina, etc.

Serviço oficial sanitario (Alemanha) 450

Historia militar

A cooperação dos exercitos de terra e de mar estudada em exemplos extraídos da historia maritima 814
A rivalidade anglo-alemã 5

Comemoração da batalha da Victoria..... 671
Duas festas militares em Espanha..... 26
No tempo dos franceses..... 128, 196 e 492

Instrução e manobras

As grandes manobras franceses em 1913..... 49 e 109
Comissões de estudo no estrangeiro (Romania)..... 626
Crónica do exercito espanhol..... 179, 514 e 797
Exames d'admissão ao colegio do estado-maior (Inglaterra)..... 623
Exercicios com obuses de campanha, etc. (Austria)..... 619
Exercicios invernais (Noruega)..... 67
Evoluções e manobras em 1914 (França)..... 303
Grandes manobras (Suissa)..... 553
» » em 1913 (Inglaterra)..... 147
Importante marcha por montanha (Austria-Ungria)..... 392
Instrução dos agentes de ligação da infantaria..... 830
» » generais (Alemanha)..... 450
» » novos oficiais no serviço telefonico (Austria)..... 452
» militar (China)..... 702
« » na Australia..... 550
» » preparatoria (França)..... 62
Manobras de 1913 (Japão)..... 707
» em 1913 (Suecia)..... 149
» na Mongolia (China)..... 702
O novo regulamento para a intrução tactica de cavalaria..... 321
Oficiais de reserva (Argentina)..... 701
Organisação de um curso de construção aeronautica (Italia)..... 148
Programa das provas impostas aos capitães propostos para serem promovidos por escolha (Italia)..... 392
Supressão das grandes manobras de 1914 (Inglaterra)..... 466
Tiro obrigatorio (Noruega)..... 460
Tiro obrigatorio para os reservistas (Noruega)..... 919
Viagem de estudo para os oficiais de engenharia (Russia)..... 460

Marinha

A guerra no mar..... 789 e 921
Novos estaleiros (Frannça)..... 463
Organisação da marinha turca..... 230
2.º programa naval militar (Hespanha)..... 463
Reforma dos arsenais (Estados-Unidos)..... 462

Material de guerra

A Metralhadora Dreyer..... 286
Aquisição de metralhadoras (Suecia)..... 460

Armamento da infantaria (Belgica) ... 217
Artilharia (França) ... 62
Canhão de cavalaria (França) ... 549
Canhão contra aeroplanos e dirigiveis (Japão) ... 707
Dados nnmericos sobre o canhão Deport (Italia) ... 66
Destroyers aereos (França) ... 784
Ferramentas de sapador para as unidades armadas ... 787
Material de artilharia (Paises balkanicos) ... 625
» » aviação (Japão) ... 788
» » guerra (Argentina) ... 300
» » para secções de metralhadoras (Italia) ... 65
Metralhadora Hotchkiss ... 691
» Vickers ... 119
Metralhadoras (Alemanha) ... 59
Novas metralhadoras (Russia) ... 919
Metralhadoras nos aeroplanos (França) ... 784
» para serem conduzidas á maneira de mochila (França) ... 456
Morteiro de sitio (Austria-Hungria) ... 392
Nova carabina para cavalaria e engenharia (Dinamarca) ... 146
» peça comprida de 105 m/m (França) ... 455
Novas metralhadoras (Inglaterra) ... 916
Novas peças de campanha (Romania) ... 788
Novo modelo de canhão (França) ... 914
Novos canhões de montanha (Equador) ... 620
Peça portatil para a defesa das costas (França) ... 549

Municiamento e alimentação

Colúnas de munições de carros automoveis (França) ... 302
Experiencias de uma nova bala (França) ... 63
Modificações nos projecteis para aeroplanos (Italia) ... 916
Novo sistema de transportar munições (Alemanha) ... 449
Projecteis humanitarios (Estados-Unidos) ... 61
» iluminantes (Dinamarca) ... 455
» incendiarios (Alemanha) ... 58
Projectil de intrução (Estados-Unidos) ... 703
Rações em campanha (Inglaterra) ... 304

Polvoras e balistica

Experiencias das polvoras sem chama (Holanda) ... 64
» de tiro contra aeroplanos (França) ... 62 e 913
Nova fabrica de polvora (Russia) ... 626
Novo explosivo de guerra (Alemanha) ... 231

Promoções, reformas, soldos e pensões

Abaixamento de idade para os almirantes (Japão) ... 467
Aumento de soldos (Inglaterra) ... 304 e 457
Idade dos oficiais (Japão) ... 66

Lei de promoções (Japão) 63
Novos soldos dos oficiais (Belgica) 861
Projecto de lei relativo ao limite de idade dos oficiais (Espanha).. 621
Promoções de oficiais (Austria) 452
» no exercito francês 456
Reforma dos oficiais (Austria-Ungria) 453

Recrutamento, mobilisação e organisação militares

Aumento das companhias de ciclistas (Austria) 300
» de artilharia (Suissa) 224
» de tropas (Austria) 619
» do efectivo (Espanha) 548
» de duração do serviço activo (Noruega) 624
Comissões de recrutamento (Argentina) 145
Campanhia de metralhadoras (Suecia) 739
Companhias ciclistas (Alemanha) 144
» de ciclistas (Noruega) 149
Composição do exercito (Egipto) 703
» » » permanente (Inglaterra) 550
Contingente fornecido para a Bosnia-Herzegovina 547
Creação de batalhões de caçadores (Austria) 619
» » novas unidades de artilharia (Italia) 624
» um corpo de automobilistas voluntarios na Baviera (Alemanha) 216
Creação de um corpo de aviadores (Noruega) 459
» » uma comissão consultiva de aeronautica (Italia) 458
» » escola de artilharia (Belgica) 547
» » do 21.º corpo do exercito (França) 303
Crónica do exercito espanhol ..... 179, 514 e 797
Distribuição do exercito (Turquia) 461
Duração do serviço activo (Russia) 149
Efectivo do exercito em 1915 (Brazil) 862
Engenharia (Dinamarca) 782
Ensinamentos da guerra balkanica ..... 601 e 721
Estado-maior central (Países balkanicos) 626
Exame de aptidão fisica dos recrutas (Suissa) 224
Exercito australiano (Inglaterra) 705
Exploradores montados (Austria) 619
Lei de recrutamento (Sião) 789
Mobilisação dos exercitos por assembleias (Alemanha) 618
Nova organisação do exercito (Grecia) 704
» » dos «gouns» e tropas «maghzen» do norte da Africa (França) 913
Nova organisação dos spahis (França) 913
Novo agrupamento dos regimentos de cavalaria (Romania) 149
Novos projectos de reformas (Turquia) 461
O exercito em 1912 (Alemanha) 858

O recrutamento dos alferes (França) 220
Os futuros efectivos (Alemanha) 217
Organisação da aeronautica (Estados-Unidos) 302
» » cavalaria (Dinamarca) 702
» » infantaria (Inglaterra) 621
» das tropas de aviação (Estados-Unidos) 621
» » » tecnicas (Inglaterra) 621
» de um regimento de engenharia (Dinamarca) 703
» do serviço aeronautico (Inglaterra) 621
» » » de abastecimento (Russia) 919
» divisionaria (Argentina) 781
» militar — Artilharia de campanha (Alemanha) 59
Passagem dos oficiais de reserva ao activo (Bulgaria) 702
Progressos do exercito (Afghanistan) 858
Quadros complementares (Alemanha) 60
Recrutamento de oficiais (Inglaterra) 304
» para a aviação (Alemanha) 618
Reformas no exercito (China) 910
Reorganisação da landsturm (Suissa) 224
» das escolas militares (Roumania) 306
» » tropas tecnicas (Bulgaria) 300
» do exercito (Grecia) ..... 64 e 221
» » » (Holanda) 64
» » » (Turquia) 394
Serviço aerologico (Italia) 305
» de saude 205
» militar (Grecia) 64
» » obrigatorio (Mexico) 393
Tropas de artilharia (Japão) 66

Torpedos, torpedeiros, submarinos, etc,

Contra-torpedeiro «Douro» 150
Navio para salvar submarinos (Italia) 460
Novos torpedeiros (Alemanha) 225
Numeração de terpedeiros (Austria) 226
Torpedeiros (Holanda) 709
Torpedeiros e submersiveis (Japão) 71

Tactica e estrategia. Defeza dos Estados

A posição fortificada de Antuerpia (Belgica) 908
A sua defeza maritima (Holanda) 227
Composição da junta de defesa nacional e do conselho do exercito (Italia) 916
Defeza do canal de Panamá (Estados-Unidos) 226
» contra os ataques de aeroplanos e dirigiveis (Inglaterra) .. 914
» nacional (Belgica) 61

Emprego do efectivo de cavalaria (Estados-Unidos)..... 782
Ensinamentos da guerra bakanica..... 601 e 721
Importancia militar dos estudos ordinarios nas operações de guerra 581
Introdução ao estudo dos casos concrétos — problemas tacticos sobre a carta..... 338
Necessidade dos agentes de ligação..... 735, 775 e 882
O combate aereo..... 901
O combate de cavalaria..... 418
O novo regulamento para a instrucção tactica de cavalaria 39, 161 e..... 311
«Por bem»..... 499

Diversos

A aviação e a artilharia (França)..... 913
A população da região de Marrocos submetida ao protectorado francez (França)..... 549
Analfabetos no exercito (França)..... 220
Aumento das prerogativas dos medicos militares (França)..... 448
Carta de aviador (Suissa)..... 628
Causas da derrota da tropas (Turquia)..... 150
Centenario da creação do Estado-maior (Noruega)..... 788
Concurso aereo (Alemanha)..... 145
» de motores para aeroplanos (Inglaterra)..... 458
» » sciencias militares para oficiaes (Italia)..... 551
Condições para exercer as funções de ministro da guerra (Japão).. 66
Corpo de motociclistas voluntarios (Estados-Unidos)..... 912
Despesas da ocupação francêsa em Marrocos (França)..... 863
Emprego de automoveis (Holanda)..... 784
» dos cães na condução de metralhadoras (Belgica)..... 146
Enducto contra a corrosão (Inglaterra)..... 457
Estatua dos soldados (França)..... 549
Exemplo a seguir..... 257
Ida de oficiais ao estrangeiro estudar linguas (Italia)..... 393
Iluminação do canal de Panamá..... 470
Instructores alemães (China)..... 146
Legião estrangeira (França)..... 622
Leis da guerra terrestre..... 353
Mergulhar a 80.m de profundidade..... 396
Missão militar francêsa (Uruguay)..... 707
Moral do exercito..... 409
Nova arma combatente (Alemanha)..... 546
Novo credito extraordinario (Italia)..... 787
Numero de navios que empregam combustivel liquido (Inglaterra). 466
O alto comando ao declarar-se a guerra (Alemanha)..... 860
O maior telescopio do mundo..... 231
O movimento patriotico e os armamentos (Suecia)..... 627
O regulamento e a circular..... 346

O uso da barba nos oficiais (Austria)..... 453
Os aeroplanos e o serviço militar na guerra (Inglaterra),..... 785
Oficiaes destacados no exercito alemão 910
Pessoal do corpo de aviação (Estados-Unidos). 912
Por bem.. 241
Regiões interdictas aos aeronautas (Alemanha)..... 216
Regras relativas ás invenções uteis para o exercito (Noruega) 918
Tiro de um dirigivel contra alvo aereo (Alemanha)..... 546
Tração mecanica das metralhadoras (Belgica)..... 620
» mecanica em campanha (Inglaterra)..... 551
» » para artilharia (Inglaterra)..... 785
Transporte mecanico (Alemanha)..... 450
Tropas de ocupação (China)..... 454
Uma entrevista com o general Savoff (Turquia)..... 306
Uma festa de cavalaria 869
Vôo em volta do mundo (Estados-Unidos)..... 783
Zonas aereas interdictas (França)..... 220

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

8 91